

A sexualidade feminina: retorno às fontes

JACQUES ANDRÉ

Entre os assuntos de conflito internos ao campo psicanalítico, a feminilidade goza de um status particular. Ainda que a elaboração de duas teorias contrárias tenha acontecido muito cedo, desde os anos 1920, a questão da sexualidade feminina continua colocada hoje em termos mais ou menos inalterados¹. Tudo se passa como se a interrogação “há um ‘conhecimento’ precoce da vagina?”, seja ela afirmativa ou negativa, fosse suficiente para decidir a adesão a um ou outro dos dois conjuntos teóricos inconciliáveis. Debate *sem fim* que insiste talvez na mesma coisa: sabe-se o lugar que Freud reservava à “recusa da feminilidade” na hierarquia dos obstáculos à análise².

Se um tal afrontamento provocou na ocasião dissidências individuais – a de Karen Horney notadamente em direção ao culturalismo – permaneceu entretanto, no essencial, interno à psicanálise. Atendendo-se aos primeiros tempos, temos de um lado Freud e suas (analistas) mulheres: Ruth Mack Brunswick, Jeanne Lampl de Groot, Hélène

Deutsch. Do outro, Melanie Klein e seus reforços masculinos, Jones em primeiro lugar – que este fiel entre os fiéis tenha ficado neste ponto incansável do Pai fundador, ilustra bem o caráter *interno* da oposição.

O aspecto “insolúvel” que tomou rapidamente a contradição entre os de “Londres” e os de “Viena” (a imagem é de Jones), não é certamente estranho à firmeza da convicção fixada por uns e por outros – firmeza que pode ser medida pela frequência estatística da palavra “indubitável” na literatura de referência. Longe de dividir, a clínica fornece aos adversários todas as ilustrações necessárias: tanto a existência de sensações vaginais precoces, como o desconhecimento absoluto da vagina até a puberdade. Não falemos das *observações* de pais ou pediatras, elas soam curiosamente; digamos o som da sedução.

O presente artigo não tem pretensão reconciliadora e menos ainda o projeto de “ultrapassar a contradi-

1. O artigo já antigo de C. Laurin: “Phallus et sexualité féminine” (*La Psychanalyse*, VII, P.U.F., 1964), continua uma das melhores sínteses do debate.

2. Cf. “L’analyse avec fin et l’analyse sans fin” (1937). In *Résultats, idées, problèmes*, t. II, P.U.F., 1985.

ção". Vale dizer que ele tomou partido, o partido de "Londres", para dizer as coisas claramente. Com nuances sensíveis entretanto, a afirmação de uma sexualidade feminina infantil não diz nada ainda da maneira como concebe a sua psicogênese.

Certamente a "eternidade" do debate não dispensa referências às obras aparecidas nos últimos vinte anos sobre a questão – existem algumas notáveis – ela convida, entretanto, a retomar os termos primitivos da oposição. Deste ponto de vista, "o solo fértil que constitui a teoria e a experiência clínica freudianas"³ fornece sem dúvida um material privilegiado – o que pode parecer paradoxal em relação à opção anunciada. Contudo, sob a condição de evitar dois obstáculos: a paixão freudológica de uma parte – a psicanálise não é um texto e, de outra, o polêmico inventário do "falocratismo burguês". Levar as análises de Freud além de suas próprias trincheiras, fazer trabalhar seus conceitos até sua eventual decomposição em pontos de vista inconciliáveis, prolongar as pistas abertas e não seguidas por seu autor... tais são as condições de uma leitura analítica e contemporânea da obra de Freud⁴. Como outras questões, a teoria da sexualidade feminina pede semelhante aproximação: ao lado da tese príncipes (tal qual formulada na *Nova conferência* de 1932⁵), tese muitas vezes repetida, quase à exaustão, há outras formulações menos acabadas, jamais "totalizadas", que lucram ao serem reconsideradas. O debate aberto entre Freud e Jones não está longe de dividir a própria obra de Freud.

Meu objetivo, entretanto, não é somente explorar esta diversidade contraditória; neste terreno, as contribuições já são numerosas. Uma das intenções deste artigo é a recuperação das exigências próprias ao movimento da teorização em si, tal como elas se impõem ao "objeto" – aqui a feminilidade –

muito mais do que delas decorrem.

A outra perspectiva tende a repensar os termos do par "clássico": feminilidade/passividade, e a encarar em seguida a questão do recalque da sexualidade feminina precoce.

As dúvidas de Karl Abraham

Opondo os de Londres aos de Viena, Jones colocava uma distribuição geográfica já tardia. De fato foi em Berlim que se constituiu o primeiro núcleo de psicanalistas críticos em relação à teoria freudiana sobre a sexualidade feminina. Havia lá, notadamente, Karen Horney, Melanie Klein e, em primeiro lugar, Karl Abraham. Este havia publicado em 1920 um artigo intitulado: "Manifestações do complexo de castração na mulher"⁶. Texto no essencial conforme a opinião de Freud, mas rico em desenvolvimentos originais (sobre a sexualidade "cloacal" em particular), anunciadores da "reviravolta" posterior do psicanalista berlinense. Em dezembro de 1924, Abraham e Freud vão trocar quatro cartas consagradas principalmente à sexualidade feminina. A liberdade de tom e de formulação, própria da correspondência, faz desta breve troca um momento privilegiado para compreender os embates do conflito teórico-clínico. Só a morte brutal, um ano mais tarde, impedirá Abraham de dar forma a "algumas comunicações" que ele formulava sobre o assunto.

Abraham a Freud, 3 de dezembro de 1924:

Sua concepção de mudanças das zonas diretivas na mulher, na puberdade, revelou-se sempre exata na prática.⁷

3. A expressão é de Roger Dorey (*La pulsion pour quoi faire?*, APF, 1984, p. 77).

4. Retomo aqui as formulações de J. Laplanche, que muitas vezes evocou este "trabalho sobre a obra, trabalho da obra, trabalho que torna a obra questionável" (cf. *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*, P.U.F., 1987 (2ª edição, 1990, p. 20)).

5. "La féminité". In *Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse*, Gallimard, 1984.

6. *Obras completas*, t. II, Petite Bibliothèque Payot, 1966.

7. Freud, Abraham, *Correspondance 1907-1926*, Gallimard, 1969, p. 380 sq.

Homenagem a Freud mas sublinhando uma formulação: “zonas *diretivas*”, que já introduz ao questionamento. Qual é a zona subordinada que, na infância, assim se submeteria à dominação clitoridiana – pois é bem dela que se trata? De que natureza seria esta subordinação, de uma zona sem denominação, ao clitóris diretor? Sabe-se que Freud permaneceu silencioso sobre tudo isso; a *direção*, desde então, tomou ares de uma concessão sem verdadeiras consequências.

Abraham prossegue:

Mas eu comecei a perguntar-me se já não haveria, no momento de tenra infância, uma primeira eclosão vaginal da libido feminina que ao recalçamento seria destinada, e à qual sucederia em seguida a predominância do clitóris como expressão da fase fálica.

Estas poucas palavras de perplexidade condensam o mais forte do debate: colocar a hipótese de uma erogenidade precoce da vagina não consiste simplesmente em juntar um pólo de excitação às zonas existentes, mas convida a uma reviravolta da gênese infantil da sexualidade feminina, a “*direção*” clitoridiana (e a fase fálica) surgindo desde então como secundário e não mais como originária. De Abraham a Freud: lá onde o senhor diz *desconhecimento* da vagina (até à puberdade), seria preciso dizer “*recalque*”! Juntemos a correlação implícita de uma tal mudança: o desconhecimento (tornado sintoma) indica em negativo a violência do recalçamento e, portanto, a intensidade inversa do despertar precoce.

Muitas observações, continua Abraham, parecem-me ir neste sentido. Se esta concepção está correta, ela teria para nós uma vantagem: nós compreenderíamos melhor o *complexo de Édipo feminino* a partir de uma reação vaginal primitiva ao pênis (do pai), por

exemplo sob a forma de contrações espontâneas, e as mudanças das zonas diretivas no momento da puberdade seria a renovação do estado original.

A obrigação de repensar a sexualidade feminina tem uma dupla causa: de um lado, as numerosas “observações” (exigência clínica) de outro, o ganho em coerência de “concepção” (exigência teórica). Na continuação de sua carta, Abraham se esforça para minimizar o alcance das novidades propostas: não se trata aqui de um “pequeno complemento”, que, longe de se opor à *nossa* teoria, a ela se integraria muito bem... Contudo, é completamente ao inverso: a idéia de uma reação vaginal primitiva ao pênis do pai – primeiro esboço do Édipo precoce da menina tal qual será concebido por Melanie Klein – atinge a convicção freudiana sempre mais afirmada no correr dos anos: o de uma sexualidade precoce da criança (menina ou menino) inteiramente voltada para a mãe. Abraham sustenta a hipótese contrária até suas últimas consequências: a proximidade entre as sexualidades adulta e infantil é tão grande quanto possível, as contrações vaginais espontâneas estão para a menina como as primeiras ereções do pênis estão para o menino.

O que permite *melhor compreender* a nova concepção? O complexo de Édipo feminino, entenda-se o impulso da filha em direção ao pai. Efetivamente, sobre este ponto, as obscuridades ou as aproximações em Freud são numerosas... “A menina deve, com o tempo, trocar a zona erógena (do clitóris para a vagina) e o objeto (da mãe para o pai), duas coisas que o menino conserva.”⁸ Mas destas duas pesadas “tarefas”, só a segunda seria relativa à sexualidade infantil. A primeira, segundo Freud, esperará a adolescência para se realizar. Será que a infância “prepara” esta realização? Esta “preparação” é ela mesma bem confusa: o desejo do pênis, como

8. “La féminité”, *op. cit.*, p. 159. Meus comentários entre aspas.

concebe Freud, é o desejo de um pênis externo no lugar de *nada*... Falta a gênese de uma passagem do externo ao interno: da reivindicação pela menina do sexo que ela não tem ao (re)investimento do seu próprio sexo. A solidariedade das duas “tarefas” ajudando, se a primeira (de uma zona à outra) não acontece, é a segunda (de um objeto ao outro) que parece bem comprometida. E não traímos Freud levando seu raciocínio até a aporia: no fundo, para a menina, não há senão uma mãe – a descrição freudiana das “condições da escolha do objeto nas mulheres” o testemunha⁹.

Aquilo que se desloca de Freud a Abraham não é matéria de uma simples alternativa: precocidade/maturidade. Modificar a época na qual “se toma conhecimento” da vagina obriga a reconsiderar no seu conjunto a psicogênese da sexualidade feminina. A hipótese de Abraham conduz menos à idéia de uma sucessão clitoris/vagina na infância do que a uma combinação mais complexa onde o domínio clitoridiano se vê precedido de uma eclosão vaginal primitiva da libido, e seguido de um reinvestimento da mesma zona.

Freud responde cinco dias mais tarde, 8 de dezembro:

Seu último tema, a parte presumida da vagina na eclosão primitiva da libido infantil [alargamento tão sub-reptício quanto importante da menina à criança], suscita todo o meu interesse. Eu não sei nada sobre tal assunto. Confesso que o aspecto feminino do problema, em geral, é para mim extremamente obscuro. Se suas idéias e suas observações já se prestam a uma comunicação, gostaria muito de conhecê-las, mas posso esperar. De acordo com o meu preconceito, seria melhor substituir a participação vaginal por manifestações anais. A vagina é de

fato, como sabemos, uma aquisição tardia pela separação da cloaca.

O primeiro movimento de Freud é portanto o interesse, talvez impaciência em saber mais, como o confirmará sua carta de 29 de dezembro. Ele vai mais longe, até à humildade de nada saber sobre isto. Nada saber do *obscuro*. “Continente negro”, “terra incógnita”... conhecemos as metáforas usuais de Freud para exprimir a contribuição, a seus olhos muito parcelada, da psicanálise para a resolução do enigma da feminilidade. Metáforas obcecadas pelos sinais da fantasia¹⁰.

Mas é apenas uma das faces de Freud: há uma outra que apresenta, ao contrário, uma teoria muito afirmada, mesmo “exaustiva”, tal qual ela se encontra no artigo de 1931: “Sur la sexualité féminine”¹¹ e na *Nova conferência* de 1932. Teoria a tal ponto assegurada que é repetida várias vezes (até ao *Abrégé*, em 1938), sem conhecer modificação sensível. Sabe-se da capacidade de Freud para considerar as objeções que lhe são feitas, eventualmente apropriando-se delas – pense-se a concepção de angústia. Nada de parecido sobre a feminilidade, ele afasta os contestadores (principalmente Jones) em algumas linhas.

A resposta a Abraham não escapa a esta “duplicidade”: “Eu não sei absolutamente nada” / “nós sabemos”. Mais ainda que o escorregar do desconhecimento à certeza, a mudança do *eu* pelo *nós* é digno de nota. O “nós” de Freud é muitas vezes aquele do “movimento” psicanalítico, um “nós” de repartir. Mas aqui seu efeito não é de convívio científico ele soa mais como um entrave à novidade.

Resta que a menção feita à confusão cloacal é

9. *Ibid.*, p. 178 sq.

10. Evocando os homens que de todos os tempos quebraram a cabeça para resolver o enigma da feminilidade, Freud cita, por associação, alguns versos de Heine: “Têtes à calottes hiéroglyphiques... Pauvres têtes humaines baignées de sueur” (“La féminité” p. 152-153).

11. *La vie sexuelle*, P.U.F., 1969.

importante, se não explícita. Voltaremos sobre este ponto mais adiante.

Encorajado pelo “interesse” de Freud, Abraham reafirma suas interrogações em sua carta de 26 de dezembro de 1924:

Há muito tempo venho me perguntando se a mudança do clitóris para a vagina pode se efetuar de outro modo que seguindo um caminho já percorrido anteriormente – mesmo em sentido inverso. Sob outros pontos de vista, tivemos que nos convencer que os processos psicosssexuais da puberdade são repetições.

Nós tocamos esta vez no âmago da “exigência teórica” que se exerce contra a concepção freudiana da feminilidade. Os processos psicosssexuais da puberdade são *repetições* – mesmo quando consideramos a importância dos remanejamentos uma repetição do *infantil*: certamente a “*instauração defasada* da vida sexual, fenômeno só observado no homem”¹², não é uma característica entre outras da sexualidade humana ela é, de fato, o que a constitui. Dizer dos “órgãos genitais femininos que eles permanecem muito tempo ignorados”, pretender que a vagina espera a puberdade para ser descoberta, é no mínimo restringir em extensão a pertinência da aproximação psicanalítica da sexualidade, é “no pior dos casos” abalar seus fundamentos: a vagina, zona erógena organizadora da sexualidade da mulher adulta, não estaria ancorada na sexualidade infantil... O ponto de vista de Freud se abre sobre dificuldades consideráveis que emergem da ausência de gênese da erogenidade vaginal e, correlativamente, da impossibilidade de conceber nela o recalque: se o sexual-vaginal espera a idade púber para existir, a idade da adequação entre os fins pulsionais e a maturidade fisiológica,

como poderia ele ser objeto de recalçamento?

Notei antes que o conflito a propósito da sexualidade feminina, apesar da radicalização das respectivas posições, permanece interno à psicanálise não dando lugar à dissidência. Uma das razões é talvez que o dissidente, na circunstância, não seja outro senão o próprio Freud. Que os “processos psicosssexuais da puberdade” sejam a repetição de processos infantis, a quem devemos a convicção senão ao próprio Freud. O apelo de Abraham à “fidelidade” analítica encontrará um eco em Jones, quando este último sustentará a existência precoce de um complexo de Édipo propriamente feminino, pronto, como ele disse, a ser “mais realista que o rei”, entenda-se mais freudiano que Freud¹³.

Abraham não se atém a generalidades de princípio; ele precisa suas hipóteses quanto à gênese psicosssexual da sexualidade vaginal:

O estágio anterior presumido [na infância] deveria ter como fim sexual a recepção do pênis, [antecipação, portanto, de acordo com o fim definitivo]. A abertura que aí está destinada parece-me também ter um caráter cloacal, isto é, que se deveria supor que nascem na vagina sensações que são transmitidas desde a zona anal, e também que contrações da vagina geradoras de prazer estão, de qualquer maneira, em relação com as contrações do esfíncter anal.

Aí Abraham *interpreta* Freud literalmente. A vagina é uma aquisição tardia obtida pela separação da cloaca, diz Freud. “A mim também parece” que a abertura deve ter um caráter cloacal, reconhece Abraham, aproveitando-se logo desta ilusão de acordo para esboçar uma argumentação muito além da idéia freudiana.

12. *Abrégé de psychanalyse* (1938), P.U.F., 1949, p. 13.

13. “Le stade phallique” (1932). In *Théorie et pratique de la psychanalyse*, Payot, 1969, p. 432. Anotar que Freud não hesitará ao discutir “a universalidade da tese segundo a qual o complexo de Édipo é o núcleo das neuroses” a partir de suas considerações sobre a proeminência do laço da filha com a mãe (“Sur la sexualité féminine”, *op. cit.*, p. 140).

Para Freud, a cloaca é principalmente matéria de *teoria*. Uma teoria que a criança elabora em resposta às suas próprias interrogações: como o bebê entra no ventre da mãe, como se desenvolve, por onde sai? A todas estas questões o ânus oferece uma resposta imaginária: tanto ao enigma do coito quanto ao do nascimento: a assimilação da criança ao material fecal completa a elaboração¹⁴.

Compreende-se bem porque Freud qualifica de “cloacal” uma tal fantasia: em referência ao modelo animal (pássaros e serpentes). Mas para falar a verdade, teoria “anal” ou “retal” teria bastado. A cloaca animal designa uma *confusão* corporal. Na teoria infantil (versão Freud), só há confusão na ordem das representações. E ainda mais! É o adulto que denomina “cloacal” aquilo que, para a criança, parece “claramente” anal. Seguindo Freud, a teoria da criança não é fruto de uma *confusão* do anal e do genital, mas da *ignorância* da vagina, de sua inexistência, também para o inconsciente.

Entretanto, é verdade que algumas proposições de Freud deixam aberta a possibilidade de uma outra interpretação, onde o ânus “cloacal” cede o passo diante de uma cloaca, primeiro anal, mas também confusamente vaginal, tanto na ordem das representações como na ordem da *excitação*. Assim, em “A disposição à neurose obsessional” (1913), Freud escreve: “Um último passo de desenvolvimento, no momento da puberdade, deve fazer desaparecer [na menina] esta sexualidade masculina [clitoridiana] e erigir a vagina, derivada da cloaca, em zona erógena dominante.”¹⁵ As poucas linhas de Abraham citadas mais acima constituem precisamente uma tentativa para dar um conteúdo a esta *derivação/separação*.

Freud se aproxima muito perto de uma gênese precoce da vagina a partir da sexualidade cloacal: “a relação entre o pênis e o conduto de membrana mucosa [a vagina] que ele enche e excita, encontra-se já prefigurado na fase pré-genital sádico anal. A bola de excrementos – ou a “vara de excrementos”, segundo expressão de um paciente – é por assim dizer o primeiro pênis, a membrana mucosa que ele excita é aquela do reto.”¹⁶ Esta última análise, mesmo se se protege de transbordar do reto para a vagina, abre uma concepção do desejo do pênis e da criança, bem diferente daquela que prevalecerá nos textos centrados sobre a feminilidade. A criança, no texto de 1917 (citado há pouco) é o herdeiro de um pênis interno excitando uma mucosa: a criança do “La féminité” (1932) é o herdeiro de um pênis externo desejado.

No seu artigo de 1920, Abraham tinha retomado a argumentação de Freud sobre o pênis anal, mas já trazendo-lhe precisões notáveis: *a originalidade das fantasias femininas*: “Nas meninas, a defecação favorece a fantasia de adquirir um pênis (ela favorece o medo de perdê-lo no menino), seja de elaborá-lo mesmo, seja recebendo-o como um presente: é então o pai, *beatus possidens*, que aparece como o fornecedor.”¹⁷ Análise particularmente fina que distingue, sobre o fundo homogêneo do erotismo anal, um duplo desejo na menina: desejo masculino de elaborar o pênis, derivado do complexo de castração; desejo propriamente feminino de receber o pênis paterno. As hipóteses formuladas na correspondência, quatro anos mais tarde, estão aqui claramente prefiguradas.

Que este ou aquele de seus textos forneça matéria para vislumbrar uma possível derivação libidinosa

14. “Les théories sexuelles infantiles” (1908). In *La vie sexuelle*, op.cit.. O equívoco da teoria cloacal não é necessariamente o mesmo para o menino e para a menina. Ao primeiro, ela autoriza a fantasia: penetrado e engrossado, e não somente penetrante. À segunda, ela permite trazer o “desconhecido” vaginal ao conhecido anal. A teoria cloacal protege contra a *alternância*, anulando-a.

15. In *Névrose, psychose et perversion*, P.U.F., 1973, p. 197.

16. Sobre as transformações de pulsões mais, particularmente, no erotismo anal (1917). In *La vie sexuelle*, op. cit., p. 110.

17. *Oeuvres*, t. II, p. 105.

da vagina a partir da cloaca, só atinge muito pouco o ponto de vista largamente dominante em Freud: aquele da ignorância/inexistência da vagina até a puberdade. Quando Freud menciona explicitamente as sensações vaginais precoces, é para negá-las, mas de duas maneiras – às vezes distintas, às vezes associadas. Seja invocando a confusão com as sensações anais – é a vertente explorada por Abraham; seja deslocando de “outro lado” a fonte da confusão: “Pretendeu-se freqüentemente que as excitações vaginais poderiam sobrevir muito cedo. Neste caso trata-se de excitações clitoridianas, isto é, excitações de um órgão análogo ao pênis, o que não nos tira o direito de qualificar esta fase de fálica.”¹⁸ Aqui, a negação da vagina precoce reveste sua forma radical; diferentemente do contágio para a via anal, que abre sobre um fantasístico não fálico, este segundo modo de negar a erogenidade vaginal está em perfeita conformidade com a tese princeps de Freud sobre a sexualidade feminina.

Sabe-se o prazer que tinha Freud ao evocar a “brincadeira” de Lou Andreas-Salomé, onde tudo é questão simultânea de vagina, de cloaca e de locação. O mais das vezes Freud cita de memória, fazendo suas as observações de sua “discípula”. Mas, citando de memória, ele retranscreve de maneira aproximativa, talvez inexata. As modificações trazidas à fórmula não economizam nenhum dos termos: a “cloaca” tende a tornar-se “reto”, a “mulher” a se transformar em “menina” ou em “infância”, e a própria significação da “locação” parece sujeita à variação¹⁹. Mais amplamente, o afastamento é sensível entre a rica complexidade do texto de Lou Andreas-Salomé e sua redução por Freud a uma *fórmula*, de mais a mais incompleta ou modificada.

Antes de citar (corretamente) o parágrafo de “Anal

e sexual” que contém a frase em questão, é interessante notar que a autora se apóia explicitamente sobre o texto de Freud de 1913: “A disposição à neurose obsessional”. Portanto, bem antes de Abraham – “Anal e sexual” data de 1916 – Lou Andreas-Salomé “recoloca em questão” a idéia freudiana de uma *derivação* da vagina a partir da cloaca. Ela escreve (Permitam-me misturar meus comentários à citação):

Não há numerosas analogias entre os processos anais e os processos genitais [o tom está dado, o de um parêntese transbordando a única troca das representações para as manifestações mesmo da libido], e isso não apenas no começo, antes de seu pleno desenvolvimento [portanto na infância], mas precisamente no estágio da maturidade sexual? [Estamos aqui bem à frente dos achados cloacais de uma criança que teima sobre a ignorância. Trata-se muito mais de uma “proximidade” durável dos “processos” entre o anal e o genital. Freud, é preciso lembrar, foi o primeiro a sublinhar o laço íntimo do “excremental” e do “sexual”, invocando notadamente a situação dos órgãos genitais: *inter urinas et faeces*²⁰.] Isto nos permite pensar que as regressões do erotismo anal se beneficiam de um importante suporte somático. [O caminho percorrido na infância pode ser feito novamente, mais tarde, em sentido inverso... Nós nos aproximamos de Abraham.] Não é à toa que o aparelho genital fica vizinho da cloaca (na mulher, ele é uma parte tomada em locação). [As vizinhanças se confundem, aquela da anatomia e aquela da dupla fantasia/excitação. Lou Andreas-Salomé não diz “na menina” mas “na mulher”; não somente a derivação cloaca—>vagina sustenta as regressões ulteriores, como não se saberia limitar os efeitos somente na infância. Tudo isso *permanece vizinho*. O aparelho genital da mulher é uma *parte* da

18. *Abrégé*, op. cit., p. 15, n. 2.

19. Cf. “Angústia e vida pulsional”. In *Nouvelles conférences*, op. cit., p. 137. Numa nota de 1920 dos *Trois essais sur la théorie sexuelle*, Freud cita corretamente o texto de Lou Andreas-Salomé, mas certamente não é de memória. (Gallimard, 1987, p. 113).

20. Sobre o mais geral dos rebaixamentos da vida amorosa (1912). In *La vie sexuelle*, op. cit., p. 65.

cloaca, isto é, ao mesmo tempo a separação (a partição) e a divisão de um espaço único; a *confusão* conserva seus direitos, ela aparece mesmo como um traço essencial da sexualidade feminina. A tomada em locação, finalmente, supõe um proprietário: tudo indica, para Lou Andreas-Salomé, que se fosse necessário hierarquizar as sexualidades anal e genital, a primeira apareceria como a antiga proprietária dos locais.²¹

O artigo prossegue precisando a similitude dos processos anais e genitais (“periodicidade das pressões e dos impulsos”) e evoca de maneira muito interessante a passividade do eu diante da pulsão e sua incapacidade para canalizar o movimento: “Da mesma maneira que a pressão anal é originalmente incontrolável, a pressão genital se apresenta como submergindo involuntariamente o eu.”²² Com uma nuance entretanto: a mulher e o homem não estão colocados com a mesma insígnia. As “intenções agressivas” do homem trazem-lhe possibilidades de ligação/elaboração desta pressão submergente; uma submersão que a mulher suportaria, portanto, com mais violência – nós voltaremos sobre este ponto posteriormente, ao mesmo tempo que sobre a questão da passividade e do recalçamento da feminilidade precoce.

Esta longa volta terminada, voltemos à citação de Abraham que a motivou. A abertura destinada à recepção do pênis deve ter um caráter cloacal. Isto é, lembrar, num primeiro tempo, que a teoria da cloaca é simultaneamente teoria do nascimento e do *coito*; teoria da saída da criança e da entrada do pênis/criança. Freud, comumente, esquece-se no caminho desta segunda parte – “cronologicamente” primeira. As seguintes observações de Abraham são uma maneira de conceber a cloaca como uma *zona erógena* e não somente como resposta teórica infantil – uma não excluindo a outra, muito pelo

contrário. Somente uma parede (cujas duas faces estão recobertas por uma mucosa) separa a cavidade retal da vagina, uma parede sacudida/excitada tanto pelo trânsito fecal como por qualquer contração do esfíncter anal. Freud nos diz: “Não importa que lugar da pele ou das mucosas, qualquer uma pode servir de zona erógena.”²³ Por qual “milagre” a mucosa vaginal, zona erógena organizadora da sexualidade feminina adulta, “recusaria” trazer na infância qualquer “contribuição à excitação da pulsão sexual”, quando a atividade excremental cotidiana do organismo não poderia deixá-la insensível?

Evocando a transmissão recíproca das sensações entre ânus e vagina – reciprocidade relativa, a “zona anal” tendo valor de fonte – Abraham pensa provavelmente nos dados da sexualidade feminina adulta, naquilo que lhe é permitido induzir concernente à troca “cloacal”. É, de uma parte, a excitabilidade particularmente forte da plataforma orgásmica atapetando o muro reto-vaginal – para se perguntar o que esta alta excitabilidade deve à “lembrança” infantil. É ainda mais nitidamente, a possibilidade reconhecida pelas mulheres de um orgasmo, mesmo que o coito seja anal.

Semelhante argumentação, como podemos desenvolvê-la a partir das indicações de Abraham, tende a afirmar a existência de sensações vaginais precoces de um modo que parecerá mais mecânico (corporal) que de fantasia. Entretanto, se é necessário demorarmos um pouco sobre tal assunto, é para marcar a oposição com a parte de “realismo” anatômico, muitas vezes pesado, que interrompe a tese sobre o desconhecimento precoce da vagina. Certas formulações da tese em questão submergem o leitor (o ser sexual que existe nele) em abismos de perplexidade. Tomemos, por exemplo, a frase de Hélène Deutsch ao pé da letra: “o despertar da

21. In *Lamour du narcissisme*, Gallimard, 1980, p. 107.

22. *Ibid.*

23. *Trois essais*, op. cit., p.108 e 138.

vagina à sua plena função sexual depende inteiramente da atividade do homem”²⁴, não é a puberdade que a mulher deveria esperar para conhecer as primeiras sensações vaginais, mas o primeiro coito!

A mecânica da excitação exerce um papel essencial, mas isto não quer dizer que apenas ela seja constitutiva da cloaca como zona erógena – a intrusão sedutora do adulto será evocada um pouco mais adiante. Se este fosse o caso, a ciência do biólogo teria há muito tornado inútil toda consideração psicanalítica. Aqui é preciso navegar entre duas escolhas: aquela que só reconhece a erogenidade vaginal adulta (Freud, Hélène Deutsch etc.) e aquela que, apesar de conceber uma feminilidade precoce, faz o impasse sobre sua impressão corporal. E é então notável que uma autora como Melanie Klein, para quem a gênese da sexualidade feminina deve tudo apenas à fantasia – e ao instinto, quando as transições tornam-se obscuras²⁵ – concebe um encadeamento direto do oral (felação/incorporação do pênis paterno) ao genital, fazendo quase a economia da mediação anal²⁶.

A insistência sobre esta sexualidade cloacal primitiva nos conduz a pensar que qualquer coisa da futura diferença dos sexos se esboça no lugar mesmo da *confusão*. Para o menino (e mais tarde para o homossexual homem) o *ânus* é, sem dúvida, o equivalente ao órgão genital feminino. Para a menina, a teoria cloacal se sustenta por um mais de excitação e de possibilidades orgásticas – sob a cobertura de representações mal diferenciadas da-

quelas do menino.

Tudo isto só tem sentido, só é humanamente sexual, se for restituído ao quadro geral da gênese do complexo de Édipo feminino. O objetivo é esclarecer as obscuridades de uma tal gênese; Abraham escreve explicitamente a Freud. Não é possível dissociar as “contrações do esfíncter anal” – e as que elas transmitem à mucosa vaginal – do que Abraham chama: “A disposição nas meninas a se deixarem seduzir por ações do tipo coital.” Foi dito: a passagem da “bola de excrementos”, os estímulos registrados pela parede-muro não são suficientes para transformar esta parte do corpo em zona erógena, em “cloaca”. Esta última só é local de uma excitação propriamente sexual na medida em que a *fantasia* (receber o pênis do pai, *beatus possidens*) aí esteja como que impresso, transformando a “bola” em “vara”²⁷.

Notemos, para aí retornar mais tarde, que esta “impressão” da fantasia está posta em relação, pelo psicanalista berlinense, com uma situação de sedução e tudo indica que ele a concebe como geral, característica da sexualidade feminina primitiva, e não como o avatar de alguma prática perversa.

Abraham termina suas considerações inovadoras sublinhando a insuficiência da teorização freudiana para explicar certos dados clínicos:

Dois sintomas neuróticos me impuseram a hipótese de um estágio primitivo – digamos vagino-anal: a frigidez e o vaginismo. De acordo com todas as

24. *La psychologie des femmes* (1944), P.U.F., 1974, t. I, p. 201.

25. O recurso à referência instintiva, em M. Klein, funciona menos como uma articulação da teoria do que como uma maneira de preencher os vazios desta última. Como o pênis paterno toma corpo na fantasia da menina? Responder: o instinto, como faz M. Klein, é tanto mais insatisfatório que o conjunto das concepções kleinianas tem, ao contrário, contribuído largamente a demonstrar a que ponto a sexualidade humana é desqualificadora das finalidades instintivas.

26. Poder-se-ia, ao contrário, reprovar o presente artigo pelo fato de fazer economia da fonte oral da feminilidade precoce. Da boca à vagina, passando pelo ânus, qual é a parte da procriação e aquela da retomada interpretativa? Questão bastante pertinente, mas que está além do quadro deste artigo, o qual não teve por fim encarar todos os aspectos da sexualidade feminina, porém mais modestamente tomar o conflito a partir do local cloacal.

27. Eu me refiro aqui implicitamente à concepção do objeto-fonte da pulsão, enunciado por J. Laplanche (cf. *La pulsion pour quoi faire?*, A.P.F., op. cit., p. 20).



experiências psicológicas, eu não posso acreditar que a frigidez se apóie simplesmente no fato de que a passagem da libido do clitóris à vagina *falhe*. Deve haver aí antes uma interdição, fundada diretamente sobre uma localização. Isto vale *a fortiori* para o vaginismo. Como a vagina reagiria de uma maneira tão negativa à primeira tentativa de coito, se nada de positivo tivesse precedido? O vômito histérico pressupõe também uma experiência positiva geradora de prazer surgida no mesmo local, à época primitiva.

O constrangimento clínico se une ao constrangimento teórico: a vida sexual da mulher, como toda vida sexual, enraiza-se no infantil, os *percalços neuróticos* desta vida igualmente. Que a vagina permaneça “fria”, sem “apetite nem prazer”, ou que ela se feche dolorosamente à penetração, são manifestações tão defensivas que pedem que nos interroguemos sobre os desejos primitivos aos quais elas se opõem.

Em 1931 e 1933, Freud escreve dois artigos consecuentes, exclusivamente consagrados à sexualidade feminina. No texto de 1931 (“Sur la sexualité féminine”), nenhuma palavra sobre a frigidez – *a fortiori* sobre o vaginismo, fica-se tentado a dizer com Abraham. Na “conferência” de 1933 (“La féminité”), a frigidez é evocada apenas o tempo de um breve parágrafo. Para dizer o quê? *Nada*, ou quase nada:

A frigidez sexual da mulher, cuja frequência parece confirmar esta fuga [da mulher em relação à agressividade do homem] é um fenômeno ainda insuficientemente compreendido. [Freud concede ao menos um déficit como explicação.] Às vezes psicogênica e acessível então a uma influência, ela sugere, em outros casos, a hipótese de um condicionamento constitucional, e mesmo a contribuição

de um fator anatômico.²⁸

O embaraço de Freud é bem compreensível: se o “conhecimento” da vagina não deve nada a uma *gênese psicosssexual* – pois que ele só será revelado por meio da *maturidade fisiológica* – todo sintoma neurótico vindo localizar-se ali: ou não é verdadeiramente neurótico (mas simplesmente “atual” ou “constitucional”); ou enganou-se de endereço (por deslocamento) – não estamos longe do argumento do “caldeirão”? O recurso à “constituição”, à “anatomia”, é muitas vezes em Freud o indício de uma “rocha” (ou antes, de um osso) na teorização. Qualquer coisa “range” e faz obstáculo à construção.

Resta, entretanto, um conceito aberto por Freud a uma eventual *psicogênese* do sintoma, acessível então a uma psicanálise. Se nós passamos sem demorar sobre as causas sociais (educação rígida das meninas) e conjugais (homem com potência vacilante), que casualidade psíquica pode ser invocada? A teoria freudiana da sexualidade feminina só deixa uma saída possível, aquela que Abraham menciona rapidamente para afastá-la como insuficiente: uma erogenidade clitoridiana que recusaria ceder o lugar; a frigidez, seria menos – talvez de modo algum – a frieza da vagina do que a grande excitação do clitóris. Onde as célebres “lascas de madeira resinosa”, longe de serem destinadas a só se inflamar para transmitir seu fogo à “madeira mais dura”, de fato só pensariam em queimar para elas mesmas.²⁹

Que tal frigidez possa ser apenas a vertente negativa do “complexo de masculinidade”, que tal outra deva tudo à patologia do casal (ainda que esta não nos dispense de nos interrogar-nos sobre a eleição do sintoma) – deixa, em todo caso, inexplicada a

28. *Op. cit.*, pp. 176-177.

29. *Trois essais*, *op. cit.*, p. 163. Difficile, alors qu'il s'agit en principe d'une métaphore du vagin de faire plus phallique (fétichiste) que ce “bois dur”.

singularidade de muitos casos de frigidez. Se Freud não pode dizer nada sobre o assunto, é porque, não dispondo de uma gênese da vagina a partir da sexualidade infantil, ele se priva ao mesmo tempo da possibilidade de explicar o *recalcamento* da sexualidade vaginal adulta – salvo passando por argumentos periféricos. *A pobreza das observações de Freud sobre a frigidez constitui o preço a pagar à coerência constrangedora da teoria, e não o fruto da observação clínica.*

Pode-se afirmar tão abruptamente que não há em Freud concepção (talvez mesmo possibilidade teórica) do recalcamento da sexualidade genital feminina? A dita “ignorância da vagina” é matéria de *excitação*. O recalcamento leva a *representações*, na medida, é verdade, onde elas estejam intimamente ligadas a uma satisfação pulsional... Mas deixemos um instante de lado esta conexão, o tempo de um argumento contraditório, e encaremos as representações em si mesmas.

Que a “madeira dura” demore tanto antes de se excitar, significa então que o inconsciente ignora toda representação da vagina? Ao silêncio vaginal infantil corresponde um deserto simbólico ao nível dos produtos do inconsciente, notadamente no sonho? Lendo Freud, não é nada disso. O inventário (no *Traumdeutung*) das representações oníricas dos órgãos genitais femininos, do “corpo da mulher” – quer o sonhador seja homem ou mulher – não deve nada em riqueza e em diversidade ao reconhecimento das representações inconscientes do “membro viril”. Cofres, caixas e outros armários representam um segredo de um interior, acessíveis a quem possui a chave. Jardins, prados e paisagens são outros espaços trabalhados, percor-

ridos pelo olhar ou andando. Que se evoque igreja ou capela, junta-se à representação de um interior obscuro, a de um lugar santo – a representação é em si mesma realização de desejo, aqui incestuoso. Terminemos com as cavernas, grutas e abismos onde o instrumento se perde, mergulhado no fundo de um insondável. Este rápido percurso é, bem entendido, uma breve amostra das variações possíveis em torno de um mesmo tema. Um estudo mais atento observaria que as representações dos órgãos genitais femininos – para se ater às formas típicas – não têm sempre forma de local. Pode ser também um “*déjà vue*” ou “*déjà vue deux fois*”, como o menino, perspicaz ou seduzido, que não se contentou em nascer, mas ainda introduziu seu dedo no sexo de sua mãe adormecida, quando ele tinha seis anos³⁰.

“O desejo representado no sonho é necessariamente infantil”, o sonho se alimenta de uma “regressão ao mais remoto passado do sonhador, como uma revivescência de sua infância, de moções pulsionais que a dominaram, modos de expressão das quais ela dispôs.”³¹ Como conciliar a proliferação das representações simbólicas do sexo feminino, seu enraizamento nos desejos infantis, cuja presença no sonho testemunha, com a afirmação sempre mantida que o “órgão genital feminino” só encontra “após a puberdade”, “o reconhecimento que o órgão masculino tinha adquirido há muito tempo”³²? A resposta de Freud é conhecida: cofres e cavernas não são tanto lugares de recepção/conservação quanto um traço negativo: a marca de um arrancar, da realização da ameaça de castração. A infância ignora o genital, ela só tolera o fálico: o “corpo de mulher”, corpo ferido, é como uma “cavidade profunda”, surgida após a eliminação de

30. *L'interprétation des rêves* (1900), P.U.F., 1967, p. 341. Notemos na passagem, depois de outros autores, que estes símbolos oníricos falam para uma representação inconsciente da vagina ancorada no infantil, na mulher como no homem. O pressentimento da vagina no menino se sustenta pela identificação anal.

31. *Ibid.*, p. 470, 467.

32. “Angoisse et vie pulsionnelle”, *op. cit.*, p. 134.

um cravo (referente ao cravo que fecha o poro da pele).³³

Nenhum analista contestará a frequência da conjugação sexo feminino/sexo castrado, seja a associação feita por um homem ou por uma mulher. Resta o equívoco, a superdeterminação das representações inconscientes, sua constituição por condensação/deslocamento, e a impossibilidade de se ater a uma simples tradução. Toda representação do órgão feminino é, no fundo, cicatriz, ferimento? Eu estaria tentado a colocar uma outra questão: contra o que se defende este raciocínio “em funil” que se esvazia a fazer convergir para uma única significação as representações inconscientes plurívocas? Tomemos o exemplo de um sonho bem conhecido da *Traumdeutung*, o sonho “das lacunas”:

Um jovem tem um sonho muito preciso no qual ele recorda os devaneios de sua infância conservados no estado de recordação consciente. Ele se encontra, à noite, num hotel de veraneio, ele se engana de número de quarto, e entra numa sala onde uma velha senhora e suas duas filhas se despem para se deitar. Ele acrescenta: “*Em seguida há lacunas no sonho, falta alguma coisa*”, e finalmente há no quarto um homem que quer jogar-me para fora e com quem devo lutar.” Ele procura em vão recordar-se do conteúdo e do objetivo das fantasias de crianças às quais o sonho faz alusão. Mas percebe-se enfim que isto é precisamente apresentado pelo que ele diz das partes imprecisas do sonho. As “lacunas” são orifícios genitais das mulheres que vão se deitar: “falta

alguma coisa”, é a descrição do caráter essencial dos órgãos femininos. Na sua infância ele teve uma curiosidade devoradora de ver os órgãos femininos e ainda estava na teoria infantil da sexualidade que supõe que as mulheres têm um membro viril.³⁴

A interpretação de Freud leva à convicção, mas é plenamente satisfatória? Eu não falo dos aspectos deliberadamente negligenciados (em particular a nota edipiana: o acesso ciumentamente protegido pelo homem, senhor da situação), mas daquilo que prende a atenção de Freud: a simbolização dos órgãos femininos. O sentimento das “lacunas” no sonhador só se forma depois que ele penetrou num quarto (num hotel, à noite), depois de se ter enganado uma primeira vez, o que supõe que há *dois* quartos, como a velha senhora é mãe de *duas* filhas³⁵.

A representação em “lacunas” vem prolongar o cenário de uma penetração em um local de dupla entrada (anal e vaginal)³⁶, onde se revela que é perigoso se aventurar. As “lacunas” são um resultado: a simbolização de um perigo e a antecipação das represálias; um resultado que apaga a figuração do próprio interior, que rechaça o quarto para o segundo plano, sem suprimi-lo³⁷.

A seguir este caminho da interpretação, a representação lacunar do órgão feminino, longe de ser primitiva, aparece como secundária, como um meio para ligar a angústia ligada a uma primeira representação: a de uma intimidade em que a gente se

33. Cf. “L’inconscient”, *Euvres complètes*, XIII, P.U.F., 1988, p. 238.

34. *Op. cit.*, p. 286.

35. Freud nota a frequência da figuração do corpo feminino pelo quarto mesmo quando o sonhador não dispõe na sua língua da palavra *Frauenzimmer*, (literalmente quarto de mulher), que pode se traduzir por “mulher” ou “senhora” (*L’interprétation des rêves*, *op. cit.*, p. 302, n. 3).

36. No conto do sonho de auto-análise de Freud, “Mon fils le myope”, encontra-se esta frase: “A cena está diante de uma porta, dupla porta à antiga” (*L’interprétation des rêves*, *op. cit.*, p. 375). D. Anzieu propõe a seguinte interpretação: “Diante de uma porta” evoca a expressão sexual *ante portas*: “o estilo antigo” designa uma lembrança antiga. Foi porque o garoto procurou ver a dupla porta de Pauline: o duplo orifício anal-vaginal que ele foi punido na sua visão. (*L’auto-analyse de Freud*, P.U.F., 1959, t. I, p. 349-350).

37. Estamos tentados a associar a interpretação das “lacunas” a esta outra formulação de Freud, quando ele se interroga sobre o desaparecimento do complexo de Édipo na menina: “Como se realiza o desenvolvimento correspondente na menina? Aqui, nosso material se torna incompreensível – muito mais *obscura e lacunar*” (O desaparecimento do complexo de Édipo (1923). In *La vie sexuelle*, *op. cit.*, p. 121).

introduz correndo o risco se enganar de porta, de penetrar no desconhecido, de ser atirado longe pelo primeiro ocupante – local privilegiado do ato sexual, o quarto é por excelência o dos pais. As “lacunas” têm a vantagem de levar para a ausência aquilo que antes foi apresentado sob exteriores inquietantes (ou antes interiores) de um *outro* local, de um segundo quarto. A alternância reencontrada pela surpresa é logo simbolizada, reduzida à figura do mesmo – que se tem ou não. A ruptura é tanto mais marcante pois se trata de um sonho de homem, submisso, organizado pela angústia de castração. Esta “lógica” de sonho não deixa de evocar o movimento de ligação da teorização freudiana da sexualidade feminina, movimento que perde pelo caminho algumas de suas primeiras elaborações, dentre as mais originais. Por estarem elas mesmas recalçadas, as figuras da castração, associadas ao sexo feminino, não deixam de ser obstáculos à volta de representações arcaicas de um interior invisível de uma geografia incerta.

A fantasia

A referência aos processos anais e às fantasias associadas introduz uma parte de oscilação nas posições teóricas de Freud sobre a sexualidade feminina. Oscilação relativa, entretanto, o ponto de vista dominante conserva uma bela homogeneidade: o caráter principal da “*organização genital infantil*” reside nisto: “para ambos os sexos, um só *órgão genital*, o *órgão masculino* representa um papel. Portanto, não existe um primado do genital, mas um primado do *falo*”³⁸. Contudo, para o nosso propósito, esta afirmação só toma todo seu sentido se não se omitir de mencionar a frase que vem logo em seguida: “Infelizmente só podemos descrever este estado de coisa na criança macho; falta-nos o conhecimento dos processos correspondentes na menina.” Estamos em 1923, a psicanálise tem atrás

de si belos anos em que as mulheres (analisadas) contribuíram largamente. Sem dúvida Freud, tratando-se de mulheres, da gênese psíquica dos casos clínicos apresentados, conservou sempre uma certa prudência, evocando a parte não resolvida de confusão e de obscuridade. Mas a confusão não é a “falta de conhecimento”.

Esta “falta de conhecimento” de 1923 constitui menos uma lacuna que um índice. Antes dele, há um conhecimento feito de aproximação e, sobretudo, dominado pela relação da filha com o pai. Depois dele, há a descoberta da “civilização míneo-myceniana” (o laço precoce da filha à mãe), e a convicção que ela engendra quanto aos processos que levam à fase fálica. Antes de 1923, a vagina é ou alternadamente ignorada (derivada da cloaca), ou pressentida na obscuridade. Depois de 1923, ela é *necessariamente* desconhecida.

Alguns anos antes, em 1919, Freud publica “*Un enfant est battu*”. Texto profuso, objeto de numerosas releituras, o tema insistindo geralmente sobre a problemática da fantasia, ou ainda sobre a gênese do masoquismo. De minha parte, pretendo reter sua contribuição à análise da sexualidade feminina. Como “*Un enfant est battu*” é uma fantasia propriamente feminina. Qualquer que seja o sexo anatômico do sujeito, Freud é levado, *en passant*, a formular observações gerais sobre a feminilidade cuja importância é que elas se situam completamente instáveis, em relação à teoria que prevalece. Certamente não é indiferente que, neste texto, o ponto de partida seja clínico (seis pacientes: quatro mulheres e dois homens), e que a sexualidade feminina aí seja abordada incidentalmente, e não de frente.

O desacordo das formulações (entre “*Un enfant est battu*” e os textos clássicos sobre a feminilidade) não é matéria de datas ou de evolução. A tese

38. “L’organisation génitale infantile” (1923). In *La vie sexuelle*, op. cit., p. 114.

fortemente afirmada, a partir de 1923, estava já nitidamente inscrita desde os *Trois essais* (1905) ou “Les théories sexuelles infantiles” (1908). Em outros termos, as considerações freudianas sobre a feminilidade da “criança batida” não são apenas fragmentos de hipóteses logo abandonadas, mas testemunhas de uma teorização contraditória que não chegará jamais a se impor.

O interesse não se prende somente às concepções originais do texto de 1919: um pouco mais tarde, em 1925, Freud volta brevemente à fantasia de *uma criança é batida*, em um texto (“Quelques conséquences psychiques de la différence anatomique entre les sexes”) desta vez parcialmente centrado sobre a sexualidade feminina, e sustentando, sobre a questão, uma argumentação perfeitamente de acordo com a tese princeps. Reinterpretada neste nosso contexto, a de 1919 se torna, como veremos, “irreconhecível”, ou, mais exatamente, perde pelo caminho, ao mesmo tempo que sua parte feminina, aquilo que o constitui essencialmente como fantasia.

“A representação da fantasia ‘un enfant est battu’ é confessada com uma frequência surpreendente por pessoas que pediram um tratamento psicanalítico por uma histeria ou uma neurose obsessiva.”³⁹ E Freud acrescenta: “é razoável pensar que esta frequência é ainda maior naqueles que não são impedidos por uma “doença manifesta” a fazer um pedido de análise. Como há sonhos e símbolos típicos, “un enfant est battu” é uma fantasia típica: equivale a dizer que ele pertence ao “patrimônio” psíquico da humanidade, e não a uma certa organização mórbida particular.

O fato de ser típico não faz de “un enfant est battu” um objeto facilmente analisável: uma “resistência sem equívoco” se opõe à sua elucidação. Vergonha

e culpa acompanham uma confissão que ultrapassa em reticência a comunicação de primeiras recordações semelhantes da vida sexual. Mesmo que as cenas evocadas se refiram ao período escolar, a “fantasia de fustigação” nos remete, sem dúvida, ao *começo* da infância.

Para além da pobreza do primeiro enunciado consentido, “un enfant est battu”, a fantasia revela ser uma constelação feita de lembranças e ficções. As cenas da vida escolar e familiar, as evocações livrescas – tiradas dos grandes romances masoquistas da biblioteca chamada Rose, tipo *Case de l'Oncle Tom* (A Cabana do Pai Tomás) – disputam-na às ficções cujo sujeito é o próprio autor. Atrás do vazio das primeiras palavras descobrem-se logo as capacidades criadoras da matriz de fantasia.

Esta profusão não exclui as constantes. A pessoa que bate é sempre um adulto homem, com ares de professor. As crianças batidas são múltiplas, como as próprias recordações, mas elas têm em comum, na fantasia das meninas (o que nos interessa aqui), a de serem meninos. O sujeito diretor da fantasia não aparece na própria cena. Ela (o sujeito menina) não bate, nem é batida, “pressionadas por perguntas, as pacientes só respondem: provavelmente eu olho”.⁴⁰

Os sentimentos de prazer ligados à fantasia explicam sua reprodução passada e atual. “Ao paroxismo da situação representada sobrevém quase regularmente uma satisfação onanística”⁴¹, ao nível dos “órgãos genitais” – Freud não dá mais precisões. A satisfação assim experimentada, de consentida pode transformar-se em compulsiva, portanto contra a vontade do sujeito. Não há dúvida de que esta dimensão masturbatória – que nada permite excluir a paciente *adulta* – contribua fortemente para a dificuldade da *confissão*.

39. “Un enfant est battu”. In *Névrose, psychose, perversion*, op. cit., p.219.

40. *Ibid.*, p. 225.

41. *Ibid.*, p. 219.

A esse nível de elaboração, podemos precisar assim o conteúdo da fantasia e da atividade associada: uma menina olha, masturbando-se, um adulto masculino, figura de autoridade, bater em um ou muitos meninos. Este nível é o que Freud chama “a terceira fase”. Terceira na ordem da historicidade, constituída uma vez que o recalçamento obteve aquilo que lhe é devido; mas primeira na ordem da análise trazida pela paciente na sessão.

Esta terceira fase se revela, então, ser uma produção terminal, o terceiro momento de uma gênese complexa na qual Freud distingue duas outras etapas. A primeira é arrancada da amnésia infantil, reconstituída pelo trabalho analítico a partir de lembranças – traços de cenas vistas ou desejos surgidos – esta nuance não tem “nenhuma importância”. A segunda fase é “a mais importante de todas, e a mais carregada de consequências”. Ela não tem a “existência real” da primeira sua realidade é toda psíquica. Em nenhum caso rememorada, fora das tomadas de consciência, “ela é uma construção da análise, mas não deixa de ser uma necessidade”⁴². Retenhamos, para voltar mais adiante, esta insistência de Freud sobre o tempo 2.

Do que é feita a primeira fase? É a mais antiga, “ela deve pertencer ao começo da infância”. A diferença com a fase 3 se atém principalmente ao que definem as identidades daquele que bate e dos que apanham. “A criança que apanha não é jamais a mesma que o autor da fantasia”, na maior parte do tempo é um irmãozinho ou uma irmãzinha – ao mesmo tempo em que a identidade da criança se define, a de seu sexo se “indetermina”: não é mais necessariamente um menino. Quanto ao adulto que

bate, ele se deixa reconhecer “de uma maneira clara e inequívoca como sendo o pai (da menina)”⁴³, o pai do autor da fantasia.

O que vale para o irmãozinho ou irmãzinha a honra desta encenação: o fato de se imiscuir num lugar – o do amor paterno – onde até agora nossa menina mandava sozinha com toda segurança. A criança que apanha é um intruso, um ladrão de cuidados e afeição. A fantasia pouco a pouco especifica-se: “o pai bate na criança odiada por mim”⁴⁴. A primeira fase se casa com a linha de sustentação.⁴⁵ Ela satisfaz primeiro os “interesses egoístas”, os da auto-conservação, afastando com uma palmada quem pisa sobre seus canteiros. Mas como sempre, nesta matéria, o estado egoísta está largamente infiltrado pela sexualidade que está se constituindo. Que o pai bata no impertinente, isto significa: “ele não ama esta outra criança, ele só ama a mim”. Onde misturam-se a confissão do egoísmo ciumento e a fantasia do amor incestuoso.

Eis-nos rendidos, com “esta escolha de objeto precoce do amor incestuoso”, ao ponto que nos vai reter mais particularmente: “A menina”, escreve Freud, “está ternamente fixada ao pai, que verossimilmente tudo fez para ganhar seu amor.”⁴⁶ Uma menina amante e um pai sedutor... Estamos em 1919, mais de vinte anos depois do célebre abandono da *neurótica* (carta a Fliess de 20 de dezembro de 1897). Este pai *fazendo tudo* para ser amado, não é “dessas pessoas que não têm nenhum escrúpulo em satisfazer suas necessidades sexuais com crianças”⁴⁷. Não é mais o vil sedutor de “L’*étiologie de l’hystérie*” (1896), mas o pai da menina, tão típico quanto a fantasia “un enfant est battu” é típico. Que

42. *Ibid.*, p. 225.

43. *Ibid.*, p. 224.

44. *Ibid.*, p. 225.

45. Cf. J. Laplanche, “Vie et mort en psychanalyse”, Flammarion, 1970, p. 165.

46. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 226.

47. Freud, “L’*étiologie de l’hystérie*” (1896). In *Névrose, psychose, perversion*, *op. cit.*, p. 106.

o “substrato histórico”⁴⁸ no âmago da neurose – da menina como do menino – seja o herdeiro desta experiência arcaica, sem dúvida; mas precisamente não se trata mais da história singular de tal histórica. Freud, aliás, não deixa de retomar no texto de 1919 a argumentação que distingue fantasia e realidade. As fantasias dos pacientes se alimentam de coisas vistas, ouvidas ou lidas, mas é notável que “as pessoas que forneceram a matéria de tais análises apanhassem raramente na sua infância e em todo caso não foram educadas com bastonadas.”⁴⁹

Correlata a este pai sedutor e desejoso do amor da criança, existe de maneira *indubitável*, na filha, uma “aspiração libidinosa” sustentada por algo como um “pressentimento” (um conhecimento sensível embora mais ou menos obscuro), dos “alvos sexuais definitivos”. “Tem-se como prova”, precisa Freud, “que os órgãos genitais (sempre esta mesma expressão que engloba), já começaram a representar seu papel no processo de excitação.”⁵⁰ A excitação genital acompanha a intuição do fim definitivo (“ter um filho do pai”), fim ao qual chama a representação de um alvo “intermediário”: receber o pênis paterno – ainda que Freud, diferentemente de Abraham, não o formule explicitamente. O filho desejado pela menina é assim o fruto de uma gênese psicosssexual bem diferente daquela que prevalecerá na tese definitiva, quando o desejo do pênis (externo) terá se tornado a etapa iniciadora para a feminilidade.

Introduzindo a referência ao amor *do* pai, com toda ambigüidade do partitivo – o texto de 1919 acomoda de uma nova maneira a hipótese de um conhecimento precoce da vagina que nós tínhamos, até o presente, encarado sobretudo a partir da sexualida-

de da criança. A sedução paterna constitui uma fonte essencial deste pré-conhecimento: *o desejo inconsciente do pai*, desejo (de penetração) de um adulto sexualmente maduro, não pode deixar de fazer sua *marca*, contribuindo de maneira decisiva a fazer existir inconscientemente a vagina da menina. A dimensão intersubjetiva é suficientemente rara na obra de Freud, para que aqui sublinhemos a pertinência. No prolongamento da proposição de Abraham, se a menina mostrar-se disposta “a se deixar seduzir a ações de tipo coital”, é porque ela é, à sua maneira, capaz de pôr em relação a excitação de seus órgãos genitais e sua “interpretação” dos avanços paternos⁵¹.

Sem dúvida, tudo isto permanece muito obscuro para a menina, uma obscuridade que é de início a de um *caminho* seguido para a realização de tais desejos. Mas ainda uma vez obscuridade não é desconhecimento. A confusão quanto ao *caminho* nutre-se de excitações (vagino-anais) e de representações (cloacais). Em que medida “o continente negro”, “a *terra incógnita*”... que pontuam até o fim o comentário de Freud sobre a sexualidade feminina, mesmo quando ele propõe uma teoria perfeitamente *clara*, não são as marcas metonímicas da derivação anal-vaginal abandonada, tornada inútil na nova concepção?

Destes fragmentos de uma primeira teorização, sobrarão muito pouca coisa na tese tardia sobre a feminilidade. Muito pouco sobre os “órgãos genitais” e das representações associadas à excitação: mas também, fato notável, muito pouco do *pai*! O complexo de Édipo feminino, dentro desta última perspectiva, não é mais que uma breve “posição de repouso”, de encolhimento, apertada entre uma longa e tempestuosa ligação pré-ediapiana à mãe, e

48. Cf. Freud, “Nouvelles remarques sur les psychonévroses de défense” (1896). In *Névrose, psychose, perversion*, op. cit., p. 67.

49. “Un enfant est battu”, op. cit., p. 220.

50. *Ibid.*, p. 227.

51. É certamente um dos pontos fracos da argumentação kleiniana concernente ao Édipo precoce feminino, de só se dar conta do surgimento do pênis paterno (em vez e no lugar do selo hostil) de um modo endógeno (instintivo).

um período de latência muito próximo. O que aconteceu com o pai? Antes de Édipo, ele é apenas um intruso (e não um rival): na hora do complexo, ele é um “porto”, um refúgio de paz onde a menina se refugia às pressas⁵². *O pai desejoso e sedutor impõe a hipótese de um conhecimento precoce da vagina – seja ele mesmo confuso, pressentido. O desconhecimento afirmado da vagina só pode se acomodar por um pai libidinosamente apagado; a coerência constrangedora da teoria sobrepuja as objeções da clínica.*

Voltemos à fase 2 da fantasia, “a mais importante” das três, construída pela análise sob a pressão da necessidade.

Como explicar que ela não seja memorável: “aparentemente pela intensidade do recalcamen- to”⁵³ sobre as representações associadas ao amor incestuoso. A consciência da culpa é o operador da transformação de 1 em 2. O pai que tudo fez para ganhar o amor da menina também depositou nela “o germe de uma atitude de ódio e concorrência em relação à mãe”⁵⁴ – fonte de formação reativa, no gênero ternura excessiva. Freud não liga explicitamente “a consciência de culpa” e o medo de uma retorsão maternal, mas o caminho está traçado para a teorização kleiniana posterior.

De 1 a 2 o espancador não muda: sempre o pai. Mas o castigo infligido volta-se agora sobre a própria pessoa, sobre o autor da fantasia. O que permaneceu mais longamente indeterminado (meninos, um irmão, uma irmã) é agora o objeto da máxima determinação: *eu* apanhei do pai. Num mesmo movimento operam-se o retorno sobre a menina e

a passagem ao primeiro plano da passividade. A fantasia assim constituída “é em alto grau tingido de prazer” e tem “indubitavelmente um caráter masoquista”⁵⁵. A intensidade do recalcamen- to é o indício do caráter nodal da segunda fase. É só verdadeiramente a seu nível que as lembranças dão lugar à fantasia, e que a auto-conservação (o inte- resse egoísta) se dissolve em sexualidade⁵⁶.

O fato de apanhar satisfaz de início as exigências da culpada: a crença do tempo 1 (“Ele – o pai – só me ama e não o outro filho em que ele bate”) se vê oposta no tempo 2 ao mais *incisivo* dos desmenti- dos: “Não, ele não te ama porque ele te bate.” Mas é preciso que a moção amorosa tenha igualmente sua parte, a “tintura de prazer” é testemunho: o fato de *apanhar* não é apenas *a punição pela relação genital proibida, mas também o substituto regres- sivo desta última*.⁵⁷

Substituto regressivo... Vejamos de início a dimen- são regressiva. Logo no começo do seu artigo Freud evoca um “detalhe característico do conteú- do da fantasia”, que ele não menciona mais em seguida: a criança apanha na “sua bundinha nua”⁵⁸. O caminho da regressão está assim totalmente designado: do genital para o anal – a analidade sendo, a bem dizer, presente em filigrana que insiste atrás dos acentos sado-masoquistas da fan- tasia. Bundinha em alemão é *Popo*, palavra infantil difícil de ter uma tradução adequada mas que de toda maneira alude explicitamente ao “traseiro” (*Popo* é a repetição da primeira sílaba de *Podex*, o traseiro).⁵⁹

O destino de *Popo* na obra de Freud não deixa de ser

52. “La féminité”, *op. cit.*, p. 173.

53. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 229.

54. *Ibid.*, p. 226.

55. *Ibid.*, p. 225.

56. Cf. J. Laplanche, *Vie et mort en psychanalyse*, *op. cit.*

57. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 229.

58. *Ibid.*, p. 221.

59. Cf. J. André, “Panpan Tutu”. In *Psychanalyse à l’université*, julho 1900, 15, n. 59.

interessante. Encontra-se notadamente no *Traumdeutung*, onde se pode ler: “Na infância considerou-se o [aparelho] genital feminino (Popo) como formando um só espaço [uma só peça: *Raum*]⁶⁰. Esta confusão, misturando a bundinha e o genital feminino, vamos encontrá-la na “L’histoire d’une névrose infantile” (l’Homme aux loups) onde se trata da “bundinha (Popo) dianteira das meninas”⁶¹. *Popo* não está longe de ser o significante de *cloaca* no texto de Freud. A fantasia da fase 2 ganha desde então localização: *Meu pai me bate na cloaca*. Do lado feminino, a regressão do genital para o anal é grandemente facilitada. Ela não se contenta de tomar emprestado uma via seguida antes no sentido inverso, ela se apóia sobre uma confusão *ativa*, tanto no registro das representações quanto no da excitação, uma confusão que é menos a marca de um tempo infantil terminado, que uma característica durável do sexual-feminino enquanto tal.

O que acontece agora com o *substituto*? Sobre qual termo do enunciado de fantasia ele se apóia? Com o pai da palmada sedutora e a *menina* sofrendo o assalto, nós temos dois requisitos da fantasia. Resta *bater*. A componente incestuosa indica a solução: ela é explicitamente formulada por Freud, mas num texto anterior: “L’Homme aux loups” – onde não está absolutamente excluído que ele seja um dos seis pacientes evocados no começo do artigo de 1919. Ser batido pelo pai – seria preciso sempre escrever *batida* com *a* final, é a ortografia fantasisticamente correta – vem no lugar de ser *copulada por ele*⁶². Não esqueçamos o bastão e chegaremos a uma fórmula quase definitiva – por pouco que “definitivo” tenha psicanaliticamente um sentido: *eu sou batida-copulada (cloacalmente) pelo bastão-pênis do pai*.

O interesse da volta pela “L’histoire d’une névrose

infantil” está igualmente em permitir fazer ligação entre a representação fantasística (“un enfant est battu”) e a *cena originária*. Ser batida-copulada pelo pai, é ocupar na cena a posição da mãe. Se a cena primitiva não pode ser considerada incestuosa em si, ela não deixa de ser (através de um jogo de identificações) matriz dos desejos incestuosos da criança. A confissão: “provavelmente eu olho” arrancada por Freud de suas pacientes, aparece como um ingrediente suplementar da encenação (primitiva). Nenhuma dúvida de que o aspecto *típico* da representação “un enfant est battu” deve muito ao fato de se situar tão perto do originário.

A descoberta de uma feminilidade precoce, a tomada em consideração do desejo da menina de receber o pênis paterno (ou a palmada substituta), a afirmação da existência de um estágio vagino-anal (conservemos a formulação de Abraham), tudo isto engendra uma concepção radicalmente modificada da gênese da sexualidade feminina que não poupa nenhum dos aspectos em causa.

Tomemos primeiro a questão da culpa. O ponto de vista clássico de Freud a respeito é bem conhecido – a controvérsia da qual ele foi objeto contribui bastante. Vamos recordá-la em algumas palavras.

No menino, a angústia da castração faz com que “o complexo de Édipo seja abandonado, recalado, destruído radicalmente” e que “um superego severo seja instituído como seu herdeiro”. “O que se passa com a menina é quase o contrário. Para ela, a castração é *complexo* e não *angústia*. Ela o introduz neste “porto” que é a situação edipiana. Não vemos absolutamente, desde então, o que levaria a menina a deixar o abrigo – a *recalar* esta sexualidade edipiana – nem (é uma outra maneira

60. *Gesammelte Werke*, II/III, p. 359-360.

61. *Oeuvres complètes*, XIII, op. cit., p. 22.

62. *Ibid.*, p. 44.

de colocar a mesma questão) de onde poderia lhe vir “a consciência de culpa”: “A formação do superego deve padecer destas circunstâncias”, ele fica sem força e despedido de independência⁶³. A completa ignorância de seu próprio sexo (e da fantástica associada), na qual permanecera a menina, conduz necessariamente (necessidade da exigência teórica) a sustentar a idéia de uma debilidade do superego⁶⁴.

Diferente é “a menina batida”. Amada pelo pai, desejosa de seu amor, tendo o “pressentimento” daquilo que ela espera (pênis ou palmada) e do local íntimo de recepção (a *Popo* vagino-anal), ela é afrontada ao mesmo tempo pelo transbordamento pulsional e pelas conseqüências da “concorrência” com a mãe (concorrência em relação ao pênis cobijado). Daí resulta que uma “consciência de culpa talvez mais exigente” para a menina que para o menino⁶⁵, como testemunha da importância das transformações entre o núcleo inconsciente da fantasia e suas florações conscientes.

Eis-nos com duas meninas estranhas uma à outra. A de 1919 tem um pai penetrante (sedutor), um

corpo receptivo e uma consciência de culpa torturante. O preço a pagar por tal precocidade é um recalçamento de sua sexualidade edipiana *no conjunto mais profundo*⁶⁶, do que aquele que o menino conhece. A impossível rememoração da fase 2 da fantasia, devida à intensidade do recalque, adquire tanto mais relevo à medida que Freud, neste mesmo texto, lembra com intensidade o “imperativo psicanalítico” que constitui a retirada da amnésia infantil⁶⁷.

A menina de 1932 ignora seu próprio sexo, encontra seu pai como alguém que se agarra a uma tábua de salvação, e deixa docilmente afrouxar o laço que a aproximou desta personagem secundária. O objeto do recalçamento está em outra parte, ele diz respeito às primeiras relações com a mãe.

Depois da culpa, encaremos um segundo aspecto da psicosexualidade feminina: o complexo de masculinidade.

Igualmente sobre este ponto, os desenvolvimentos de Freud nos são familiares. No quadro de sua teoria constituída da feminilidade, o complexo de

63. “La féminité”, *op. cit.*, p. 173. Como desde então compreender o surgimento da angústia na menina? A dificuldade não escapou a Freud, que tentou resolvê-la invocando a experiência arcaica da *perda do amor* (cf. *Inhibition, symptôme, angoisse*, 1926). Discutir esta questão iria muito além do propósito deste artigo. Notemos somente o desequilíbrio que ela introduz na teorização freudiana, um desequilíbrio do qual Melanie Klein fará grande uso. É notável que esta outra fonte de angústia descoberta por Freud esteja totalmente ausente dos textos (fálcos) explicitamente centrados sobre a sexualidade feminina.

64. A fraqueza da “consciência moral” das mulheres faz parte destas teses que, para muitos, mostram a que ponto Freud – e sua teoria – está submetido aos preconceitos de seu tempo. Para caminhar no mesmo sentido, é interessante pôr em relevo estas proposições do adolescente Sigmund (então com 19 anos) endereçadas a seu amigo E. Silberstein: “Um homem que pensa é seu próprio legislador, seu confessor e seu juiz. A mulher, ao contrário, não possui nela a regra da ética: ela só pode agir bem permanecendo nos limites das normas morais, observando o que a sociedade reconhece como conveniente” (27 de fevereiro de 1875; in S. Freud, *Lettres de jeunesse*, Gallimard, 1989). O preconceito-tese precede em numerosos anos as primeiras elaborações psicanalíticas sobre a questão.

Entretanto, há uma outra maneira de encarar as coisas: o que escrevia Freud em 1875, não é nada difícil de encontrar nos escritos de tal ou qual de nossos contemporâneos. Os tempos contudo mudaram muito, ao menos no que concerne à posição social da mulher e as condições de sua vida sexual. Se o “preconceito” persiste, é que ele bebe em outra fonte que é “air du temps”: a angústia de castração não tem idade. Sabe-se, depois de Leroi-Gourhan, que ela já recobria com seus motivos os muros das grutas chamadas pré-históricas.

65. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 230 (eu sublinho).

66. *Ibid.*, p. 239 (eu sublinho). Num artigo logo após “Un enfant est battu”: “Psychogenèse d'un cas d'homosexualité féminine” (1920), Freud é levado pela análise a conclusões inesperadas. A homossexualidade da jovem (“continuação não modificada de uma fixação infantil à mãe”) se revela uma formação defensiva protegendo o sujeito da “corrente libidínica heterossexual mais profunda”, ligando-a ao pai. Fora do chute à norma, a indicação é preciosa quanto à força do recalque, cujo objeto é a sexualidade feminina heterossexual precoce (cf. *Névrose, psychose, perversion*, *op. cit.*, p. 267).

67. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 223.

masculinidade é uma das três saídas às quais está acuada a menina depois da descoberta de sua castração – as duas outras são mais ou menos uma: a inibição neurótica e a feminilidade normal. O complexo em questão parece, entretanto, abarcar posições psíquicas ligeiramente diferentes: de um lado uma menina (depois uma mulher), que não desiste “com uma segurança insolente” de seu desejo do pênis; um desejo, segundo Freud, relembremos que visa a se munir de um pênis equivalente ao do menino, um pênis externo. Do outro lado, uma menina que permanece, apesar da objeção da realidade observável, “o homenzinho” que ela sempre foi. Neste caso, ela deseja o pênis menos que ela não o tem. O importante, para nós, é notar que o complexo de masculinidade assim concebido é o *prolongamento da masculinidade originária da “menina”*.

É totalmente diferente para a menina de 1919 – nossa hipótese sabendo certamente que ela não está sozinha neste caso. É a propósito de uma das particularidades da terceira fase da fantasia que Freud evoca o “complexo de virilidade” das meninas – expressão tomada de empréstimo a Van Ophuysen. A tal nível da representação, que é o nível consciente, a menina batida desapareceu para dar lugar a meninos:

Logo que elas se afastam do amor genital incestuoso pelo pai (quando elas se afastam do núcleo da fantasia), as meninas rompem com a maior facilidade do mundo com seu papel feminino, dão vida a seu “complexo de virilidade”, e desde aí só querem ser meninos. É porque “les souffre-douleur” que elas se dão como substitutas [da *menina* nelas] são também meninos.⁶⁸

Aí o complexo de masculinidade se revela ser uma formação psíquica defensiva contra a angústia diante da libido incestuosa, contra os medos que acom-

panham “o pressentimento” do fim definitivo (ser copulada pelo pai). O falicismo afixado ou fantasiado da menina *é relacionado ao movimento de recalçamento de seu próprio sexo*. É literalmente a tese de Jones; a passagem do estágio vagino-anal ao estágio clito-fálico participa do recalçamento da feminilidade. A *direção* clitoridiana é uma direção defensiva, uma posição de regressão que pode ser descrita como uma simbolização-ligação da viva angústia associada à fantasia de penetração (destruição). Aquilo que Freud oporá aos de “Londres” atravessa (em pontilhado) a própria obra freudiana.

A análise da fantasia “un enfant est battu” libera os primeiros elementos de uma teorização da sexualidade feminina que não chegará jamais a tomar corpo. Por quê? Vasta questão, que além disso é marginal em relação a nossa preocupação. A convicção freudiana do primado de falo, convicção sempre mais afirmada, constitui a parte mais clara da resposta. Sobram as zonas de sombra. Freud não é um psicanalista entre outros, o nascimento da psicanálise é indissociável da auto-análise de seu fundador. Aquele que sabe descobrir na “recusa da feminilidade” um obstáculo maior ao prosseguimento da análise, não estava, ele mesmo, ao abrigo dos efeitos do recalque. Compreender o fetichismo, sua gênese, nunca teve por consequência suprimir suas produções de fantasias. A clínica masculina revela a grande banalidade do fetichismo do clitóris; não parece que Freud, homem e teorizador, tenha feito exceção a esta quase regra. Para dizer as coisas de outra maneira, não se pode excluir a contribuição da angústia da castração à elaboração da teoria da sexualidade feminina em Freud.

A análise de “un enfant est battu” oferece o duplo testemunho de uma pista antes aberta (sem ser verdadeiramente balizada) para ser em seguida eficazmente fechada. A operação se desenvolve em dois tempos: 1919 e 1925, a distância de um a posteriori.

68. *Ibid.*, p. 231.

O curto texto de 1925, intitulado “Quelques conséquences psychiques de la différence anatomique entre les sexes”, está centrado sobre a experiência visual crucial da descoberta pelo menino e pela menina da sua dessemelhança genital. O menino observa a ausência de pênis, armazena a representação do *nada*, e a reserva para mais tarde. A menina, sem dúvida mais submissa à certeza sensível, “julga e decide” conjuntamente: ela viu, ela sabe que ela não o tem e quer tê-lo⁶⁹.

Ao mesmo tempo que o desejo do pênis adquire o *status* de experiência fundadora da feminilidade (ou de sua negação), o laço da menina com o pai é rebaixado à linha “de formação de algum modo secundária”⁷⁰. É neste contexto que Freud é levado a reconsiderar sua análise da fantasia “*Ein Kind wird geschlagen*”:

Antes de conhecer ainda esta derivação do ciúme [a partir do desejo do pênis], eu tinha construído para a fantasia onanística tão freqüente na menina: “Un enfant est battu”, uma primeira fase na qual há esta significação que uma outra criança, da qual se tem ciúme porque ela é uma rival, deve apanhar.⁷¹

À primeira vista, estas poucas palavras parecem um simples resumo dos ingredientes do tempo 1 do artigo de 1919. Mas, olhando mais de perto é justamente o contrário. “Eu tinha construído (...) uma primeira fase”, nos diz agora Freud. Não! Esta primeira fase, feita de “lembranças” mais do que de “fantasia” não é *construída*; ela nasce do trabalho da análise, da retirada da amnésia infantil. A única fase construída é a *segunda* – que desaparece completamente com a evocação de 1925.

Outro deslocamento, tão sub-reptício quanto carregado de sentido: a fantasia está desta vez acompanhado bizarramente do qualificativo “onanista”. A expressão *Onaniephantasie*, por outro lado, não se encontra no texto de 1919. Não que a referência ao onanismo esteja ausente, bem ao contrário, mas trata-se sempre de “atos”, de “satisfação” ou de “descarga”, *que acompanha* uma representação fantasística – voltaremos logo sobre este ponto.

Freud prossegue: “Esta fantasia parece ser um resíduo do período fálico da menina. [Portanto uma afloração do desejo do pênis, uma manifestação do complexo de masculinidade. Esta observação não é uma nuance, um aprofundamento de raciocínio de 1919, mas uma hipótese em completa ruptura com a precedente, talvez contrária a ela. No artigo inicial, “o complexo de virilidade” só aparece na terceira fase (através dos *meninos* que apanham) como um *resíduo* do recalçamento, do qual é objeto a fantasia incestuosa/masquista.] A rigidez particular que me chamou a atenção na fórmula monótona: “un enfant est battu”, permite ainda provavelmente uma interpretação especial. A criança que é então batida-acariciada pode ser apenas, no fundo, nada mais que o clitóris [como interpretação especial, ela já é antiga e precedeu de muito 1919. Num adendo de 1911 à *Traumdeutung*, Freud observava as equivalências simbólicas entre a criança e o pênis/clitóris, entre bater e masturbar: “Brincar com uma criança, batê-la etc., são muitas vezes figurações de onanismo”⁷²] – se bem que tal declaração, no que ela tem de mais profundo [o núcleo revisto e corrigido da fantasia], contém a confissão da masturbação que, desde o início, na fase fálica até uma época tardia, está relacionada ao conteúdo desta fórmula.” [Em

69. In *La vie sexuelle*, op.cit., p. 127.

70. *Ibid.*, p. 126.

71. *Ibid.*, p. 128 (*Gesammelte Werke*, 14, p. 25). Meus comentários estão entre parênteses. Eu substituí a antiga tradução errada (On bat un enfant), pela tradução correta hoje admitida: Un enfant est battu.

72. *L'interprétation des rêves*, op. cit., p. 306. Em seu artigo de 1917: “Sur les transpositions...”, Freud volta a esta mesma interpretação: “A criança, como o pênis, se chama “o pequeno”. É um fato conhecido que muitas vezes a linguagem simbólica não se importa com a diferença dos sexos. O “pequeno”, que na sua origem significava o membro viril, pode secundariamente servir para designar o órgão genital feminino” (*La vie sexuelle*, op. cit., p. 108).

1919, a masturbação é a via da descarga para uma excitação cuja fonte é uma fantasia incestuosa/masquista. Em 1925, ela é ao mesmo tempo a maneira de satisfação ligada à fantasia e a própria *representação fantasística*. O que se enunciará assim: uma menina masturba o clitóris fantasiando masturbar o clitóris como se fosse o pênis. Só o “como se” ainda distingue a representação do modo de satisfação.^{73]}

O afastamento entre as teses de 1919 e de 1925 concerne tanto ao conteúdo da fantasia quanto à estrutura desta.

A fantasia de 1919 é *feminina*. Fantasia incestuosa, ao mesmo tempo histérica e masquista, seja seu autor em realidade homem ou mulher. De fato, para o homem, a fantasia tem a mesma significação: ser o objeto passivo do amor penetrante do pai.

A fantasia de 1925 é fálica, e não se vê ao mesmo tempo que “ensinamento” ela poderia trazer à sexualidade do menino – ao qual, aliás, não se faz nenhuma referência. Entretanto, se fosse necessário manter a fantasia do menino em seu sentido inicial (incestuoso, homossexual), chegar-se-ia, além da similitude dos enunciados, a dividir a representação fantasística em *duas* fantasias bem distintas, segundo o sexo do fantasiador. Perder-se-ia o mais forte da primeira análise: a feminilidade fantasiada, ignorante da realidade anatômica dos sexos.

A fantasia repensada de 1925 não é mais que uma figura do falicismo da menina. Algumas linhas, o tempo de traduzir uma equivalência simbólica, são suficientes à sua interpretação. *Exit* (sai) a longa e tortuosa análise de 1919.

As leituras pós-freudianas de “Un enfant est battu”, sublinharam, a justo título, a riqueza das elaborações concernentes à estrutura da fantasia e à noção de construção. Deste ponto de vista, de 1919 a 1925, mais que um deslocamento da interpretação, trata-se de um empobrecimento considerável. A fantasia de 1925 se reduz à fase 1, a uma remontagem da fase 3 (reduzida ao enunciado monótono, sem as ficções) à fase 1. Uma primeira fase que se torna “onanista”, o que Freud excluía explicitamente em 1919: “Em nenhum caso pode-se supor que já esta primeira fase da fantasia esteja a serviço de uma excitação que, sob a pressão das reivindicações genitais, aprende a obter a descarga em um ato onanístico.”⁷⁴ E, sobretudo, a primeira fase se torna construída (e não mais memorada). Perdeu-se o essencial pelo caminho, o núcleo da fantasia: a fase 2. Perdendo o núcleo, perde-se a fantasia como tal, se é verdade que só é no movimento de recalque do tempo 1 ao tempo 2 que as “lembranças” e o “interesse egoísta” se transformam definitivamente em fantasia e sexualidade.

A fase 2 desapareceu porque ela é evidentemente incompatível com a hipótese fálica, com o último ponto de vista de Freud sobre a feminilidade. A fase 2 diz: eu sou amada-penetrada-batida (no Popo) pelo pênis-bastão do pai, representação genital-anal-masquista e ainda incestuosa, que exige uma descarga onanística. (Notemos que o onanismo em questão pode bem ser clitoridiano: atividade clitoridiana e fantasias femininas – passivas não são impossíveis). Não há lugar para uma tal fantasística no artigo de 1925 onde, não por acaso, nenhuma menção é feita do pai, do parceiro incestuoso da *pequena*.

73. Em 1919, Freud evocava algo próximo e ao mesmo tempo radicalmente diferente: a possibilidade da “atividade fantasiosa” de continuar “o onanismo” como tal, mas ao nível da fase 3, isto é, após a operação do recalque. Em 1925, a representação do onanismo é a fantasia inconsciente. Em 1919 ela surge no lugar da representação incestuosa reprimida (cf. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 234-235).

74. *Ibid.*, p. 227.

Passividade e feminilidade

...Velho par de duas noções muitas vezes associadas. A literatura psicanalítica multiplicou as glosas sobre o que as aproxima ou as diferencia. Não tenho nenhuma intenção de retomar aqui o conjunto desta questão. Minha aspiração, mais circunscrita, é colocar em relação a articulação destes dois termos com o problema do recalçamento e da sexualidade feminina precoce. Não é suficiente afirmar a manifestação desta última, é preciso ainda explicar a eficácia do recalçamento, da qual ela é o objeto: uma eficácia cujo mais seguro sintoma é o domínio do desejo do pênis sobre a vida psíquica da menina (da mulher) no decurso de seu desenvolvimento – sendo um outro sintoma a teoria psicanalítica do desconhecimento da vagina até a puberdade.

Para introduzir a discussão desta questão, eu vou me referir a um texto de 1937, “L’analyse avec fin et l’analyse sans fin”, onde Freud faz o inventário dos entraves ao trabalho analítico. O ponto que nos interessa se segue a considerações sobre a maneira como a “originária pulsão de morte” contravém ao processo da cura. Trata-se, cada um por vez, do masoquismo, da reação terapêutica negativa, da consciência de culpa das neuroses e mesmo do *conflito* psíquico enquanto tal, na medida em que este testemunha uma “volta para dentro” da agressão, de uma interiorização daquilo que, nos tempos primitivos, arcaicos, se voltava para fora.

Freud evoca então dois temas “que se distinguem particularmente e fazem singularmente mal ao analista”. Dois temas “ligados à diferença de sexos”, um sendo tão característico do homem quanto o outro da mulher. Certamente existe de um a outro diferenças de conteúdo, mas as correspondências são evidentes; *o elemento comum* sobrepuja as

diferenças. Estes dois temas são, para a mulher, o desejo do pênis, e, para o homem, “a revolta contra sua posição passiva ou feminina em relação a um outro homem”⁷⁵ – “notemos que o desejo do pênis é ao mesmo tempo um dos motivos que levam a mulher madura à análise”⁷⁶ e um obstáculo maior no desenrolar desta.

O afastamento, mesmo a oposição, entre as duas resistências é mais imediatamente sensível que seu parentesco: a mulher *aspira* enquanto o homem *se revolta*. Mas esta inversão de um sexo ao outro na escolha da tática defensiva indica precisamente que o inimigo é o mesmo: *a feminilidade*. Uma feminilidade da qual a mulher só pode se proteger aspirando possuir “o órgão genital masculino”, e contra a qual o homem só pode se defender mantendo firmemente a posição (fálica) e se rebelando contra o agressor (corpo estranho *interno*). Se a rebelião, a recusa na mulher, toma a forma de uma “aspiração”, é porque a ameaça a persegue de perto: é que *mulher*, ela o é.

Como conciliar esta constatação tardia com o “corpo de doutrina teórica”? “O que é esta *feminilidade recusada* pelos dois sexos”? A questão se transforma em enigma. Que o menino, o homem, recalquem em si o feminino, estamos tentados a dizer que é compreensível, tanto a expectativa social, lançada pela exigência dos pais e o eu do sujeito se acomodam mal com tais comprometimentos. Mas que a menina, a mulher, recuse a feminilidade, é ao mesmo tempo *a feminilidade* como tal – não é mais questão de reduzir aos índices do gênero – que se torna misteriosa.

Com o Freud de 1919, aquele de “un enfant est battu”, possuíamos o começo de uma pista: o recalçado (representado pela fantasia de fustigação) “vem da posição edipiana normal” na menina; “no

75. *Résultats, idées, problèmes*, t. II, op. cit., p. 266.

76. “La féminité”, op. cit., p. 168.

menino, vem da posição invertida que toma o pai como objeto de amor⁷⁷. A intrusão-penetração do pênis do pai, a passividade do sujeito (da sujeitada), a violência da cena (alimentando a regressão masoquista) e a satisfação compulsiva, tais eram alguns dos ingredientes que faziam da feminilidade uma condensação de prazer e terror – o *recalcado* por excelência.⁷⁸

O Freud de 1937, primado de falo obriga, não está mais nas mesmas disposições; a feminilidade tornou-se para ele uma determinação negativa: feminino castrado. Desde então, a recusa da feminilidade se resume na recusa de uma mutilação, e a angústia de castração se revela ser o organizador secreto da defesa. Freud não tem dificuldade para mostrar a existência de um tal processo no menino – com a condição de deixar na sombra aquilo que “l’Homme aux loups” lhe ensinou: que a castração, condição fantasística do acesso à feminilidade, pode ela mesma ser *desejada*. Com a menina, a mulher, as coisas (como de hábito) se complicam e se obscurecem. Freud se safa fazendo representar ao desejo do pênis um duplo papel, dificilmente conciliável. Ele é ao mesmo tempo *mecanismo de defesa*, resistência ao trabalho analítico, e o *recalcado* em si mesmo; tanto isto é verdade que, para Freud, a feminilidade da mulher é apenas o desejo do pênis transformado em desejo da criança e do homem portador do órgão cobiçado. *Nada distingue a defesa do inimigo*.

Seguindo Freud nesta via, o obstáculo à elaboração analítica, que ele designa como “recusa da feminilidade”, se apresenta muito mal denominado. Falar de “complexo de castração” teria sido mais exato, salvo, é verdade, para sublinhar uma dificuldade

considerável da teorização proposta: *complexo* de castração na menina jamais significou para Freud *angústia*. Em que fonte a eficácia da resistência bebe sua energia se a angústia (de castração) falha? A confusão da defesa e do recalcado faz a análise se mover num círculo vicioso.

Deve-se pensar que se Freud retém a expressão “recusa da feminilidade”, é simplesmente para manter o afastamento do “protesto viril” de Adler, cujo raciocínio o aproxima? Ou, então – é a nossa hipótese –, *esta escolha tem uma legitimidade que a explicação avançada não conseguiu fundamentar*? Uma certa ambigüidade da proposição de Freud é o índice desta dificuldade. De fato ele escreve: “Como se vê após aquilo que precede (precaução oratória que não é inútil) é, nos dois casos, o que concerne o sexo oposto que sucumbe ao recalçamento”⁷⁹. O que é preciso entender como segue: o homem combate nele a presença do feminino; a mulher, “via” desejo do pênis, se opõe à masculinidade primitiva nela – não insistamos sobre a obscuridade “toda feminina”, de um tal dispositivo. Mas o que se torna então o elemento *comum*, “a recusa da feminilidade” que permite reunir, sob o capítulo de um mesmo entrave ao trabalho analítico, as resistências dos dois sexos? Depois de ter parcialmente reatado com Adler, Freud parece se reconciliar com Fliess, sexualizando o recalçamento como sugeria o amigo de antigamente. E, contudo, não! Freud acrescenta: “Eu reitero meu desacordo de antes recusando sexualizar desta maneira o recalque.”⁸⁰ “Declaração que, sem ser esclarecedora, nos traz ao elemento comum aos dois sexos, ao enigma da ‘feminilidade recusada’”?

Todo início do presente artigo se esforçou – em

77. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 238.

78. Sabe-se que esta idéia *nasce* com a psicanálise: “É permitido suspeitar que o elemento essencial recalcado é sempre o elemento feminino” (Manuscrit M., 25 de maio de 1897; in *La naissance de la psychanalyse*, P.U.F., 1956).

79. “L’analyse avec fin et l’analyse sans fin”, *op. cit.*, p. 267.

80. *Ibid.* Il ne suffit pas pour rectifier les méandres du développement de distinguer la “manière” biologique de Fliess de la “manière” psychologique de Freud.

seguida a muitos outros comentários – em dar à feminilidade um outro conteúdo que não fosse negativo. Não é o momento de retornar a isso, nossa pergunta agora é: o que, da feminilidade, fornece um ponto de apoio ao recalçamento? Vasto problema, que já deu lugar a numerosas interpretações, dos quais vamos considerar apenas um aspecto.

A passagem do texto de 1937 consagrada à “recusa da feminilidade”, sobre um fundo de determinação negativa, deixa filtrar um indício (e *um só*), qualificando positivamente a feminilidade: como “posição passiva”⁸¹, relativizando este dado numa nota de pé de página⁸², sobre o qual retornaremos mais tarde. Este tema da passividade-feminilidade, eu seguirei no “corpo de doutrina” freudiana antes de propor um desenvolvimento que possa ser entendido como um prolongamento da teoria da sedução, tal qual Jean Laplanche reabilitou, ao mesmo tempo que ele mudou o eixo: de uma sedução circunstanciada, histórica, para um fundador original da sexualidade propriamente humana.

A “conferência” de 1932, “La féminité”, constitui um dos maiores textos sobre a distinção entre “ativo” e “passivo”. Primeiro Freud disserta sobre a oposição entre masculino e feminino. Que se encontre uma outra “criatura humana”, e cada um estabelece a diferença “com uma segurança despidida de hesitação”.⁸³ E, contudo... Que se procure definir, além da clareza desta primeira impressão, o que caracteriza um e outro sexo, e o solo anatomo-biológico se esquia, ou se desdobra: bissexualidade obriga.

Dir-se-á que masculino e feminino se opõe como ativo e passivo? “É exato que existe uma tal rela-

ção”, mas aí ainda “a soldadura biológica” (dos tropismos celulares aos comportamentos sexuais, passando pela conformação dos órgãos genitais) não é sempre tão regularmente operante e exclusivo como somos inclinados a admitir”.⁸⁴ Não é só a aranha fêmea (aqui zoologia e simbólico tradicional se encontram) a se mostrar mais ativa que o macho por ocasião do acoplamento – as mulheres “gostam muito de cavalgar” – já escrevia Aristóteles.

Antes de falar de passividade, “poder-se-ia”, escreve Freud, “pensar em caracterizar psicologicamente a feminilidade pela preferência dada a fins passivos”⁸⁵; momento em que a mãe “deixa” de amamentar para “se deixar chupar”. A noção de “fim passivo” faz-nos passar do sistema social das atitudes à economia libidinosa, à vida pulsional. A própria expressão testemunha, entretanto, a constante intricação dos elementos ativo e passivo⁸⁶: uma grande parte de atividade é de fato necessária para impor um *fim* passivo. Estamos seguros de manter aqui um caráter da feminilidade! “É preciso tomar cuidado para não subestimar a influência das organizações sociais que geralmente acumam a mulher a situações passivas.”⁸⁷

Vamos abrir por um instante o parêntese social. Com estas “mulheres acuadas” nós escorregamos de novo da passividade como fim a uma passividade de necessidade: tu não desejarás, tu te submeterás à vontade do senhor, do homem. No máximo uma tal “divisão” distingue menos dois pólos ativo e passivo que sexual e não sexual. A grande maioria das sociedades passadas e atuais imprime nos sinais da sexualidade a mesma marca dos sinais do poder: a do homem. Este dispositivo, por ser social,

81. *Ibid.*, p. 266.

82. *Ibid.*, p. 268.

83. “La féminité”, *op. cit.*, p. 152.

84. “Pulsions et destins de pulsions”, OCF, XIII, *op. cit.*, p. 179.

85. “La féminité”, *op. cit.*, p. 155.

86. *Ibid.*

87. *Ibid.*

não escapa a toda casualidade psíquica. É uma grande banalidade notar que a associação virilidade-atividade-domínio, tão permanentemente instalada, tão resistente a toda crítica sócio-ideológica, enraiza-se na angústia de castração. Mas, dizendo isto, dissemos a última palavra sobre passividade? O exemplo da sociedade romana antiga, como nos foi descrita por Paul Veyne, tem bastante interesse: “Ser ativo, é ser macho, qualquer que seja o sexo do parceiro; havia então duas supremas infâmias: o macho que leva sua moleza servil até meter sua boca ao serviço do prazer de uma mulher [é o prazer tomado *passivamente* que faz a infâmia do *ato cunnilingus*], e o homem livre que não se respeita e leva a passividade (em latim *impudicitia*) até se deixar bater a golpes de sabre.”⁸⁸ Seria preciso completar o inventário de horrores romanos evocando o prazer da felação – a tal ponto que havia “feladores envergonhados” que, para dissimular seu crime, tentavam fazer-se passar por homossexuais passivos⁸⁹. A passividade se torna aterradora – não é mais simples inércia, privação, silêncio sexual – quando o prazer a ela se mistura: sexualidade a-normal, aos olhos da qual toda atividade manifesta não está longe de aparecer como uma formação reativa.

Este lugar monstruoso designado pelos Romanos à *passividade*, é notável que seja “a mulher” que ocupa em muitas outras sociedades. Como se só fosse possível às filhas de Eva duas vidas sexuais extremas: frígida ou tórrida⁹⁰.

O parêntese fechado, voltemos ao texto de 1932.

A argumentação segue uma dupla direção. Antes

de mais nada ela sublinha a intricação de dois pólos, ativo e passivo, sua prontidão a se voltar um dentro do outro, e a dificuldade de traçar claramente a linha que os demarca. Aos olhos de Freud, sua oposição apesar disso não está invalidada; uma vez reconhecida a complexidade e feita a constatação de um entrelaçamento dos termos até sua confusão, a pertinência da distinção entre os dois fins pulsionais permanece.

Num segundo tempo, são afirmadas a independência e a antecedência do par ativo/passivo em relação ao duo masculino-feminino. Freud se propõe a expor sua teoria sobre a gênese da sexualidade feminina, sustentando a existência preponderante de uma masculinidade precoce na menina; masculinidade à qual estão associadas fantasias ativas visando a mãe. Mas a opinião de Freud sobre o que distingue os dois pares em questão não volta a estas circunstâncias – a afirmação de uma atividade da menina que não é menor que a do menino – é formulada muitas vezes em outras ocasiões.

Feitas tais distinções, o laço que existe entre o feminino (e não menina ou mulher) e passividade aparece, sobretudo, como histórico-social. Entretanto Freud acrescenta, tudo isto está longe “de ser explicado com clareza”⁹¹. Há no masoquismo, nesta ligação erótica das *tendências destrutivas voltadas para dentro*⁹², qualquer coisa de “autenticamente feminino” – seja o sujeito homem ou mulher. Sem dúvida a influência social favorece o desenvolvimento, mas é suficiente para explicar este parentesco?

Feminilidade e passividade pulsional não se dei-

88. Histoire de la vie privée, t. I, sob a direção de P. Ariès e G. Duby, Le Seuil, 1985, p. 197.

89. P. Veyne, “L’homosexualité à Rome”, *Communications*, Le Seuil, 1982, n. 35, p. 29.

90. Les travaux respectifs d’Hélène Deutsch et de M. J. Sherfey donnent à penser que ces deux versants ont aussi leurs représentants psychanalytiques.

91. “La féminité”, *op. cit.*, p. 155.

92. *Ibid.*, eu sublinho.

xam tão facilmente desajuntar. Sua conjunção retorna, apesar de Freud, no corpo principal de sua argumentação sobre a gênese da sexualidade feminina infantil. É preciso lembrar aqui a *volta* da menina para o pai. Sabe-se que, para Freud, trata-se antes de uma maneira que tem a criança de se afastar da mãe, contra a qual acumulou um certo número de queixas. Na primeira fila: acha a mãe responsável por sua falta de pênis. A fim de fazer um paliativo a tal defecção, ela então endereça ao pai seu “desejo masculino de posseção do pênis”⁹³. A via pulsional “normal” – se é possível exprimir-se assim – para a menina “freudiana” é, portanto, a do complexo de masculinidade. Mas Freud sente bem, a este respeito, que para assegurar a volta à feminilidade, o encadeamento proposto é um pouco curto: porque nada desta gênese permite conceber a transição de “ter” a “receber” o pênis, nada prepara à (futura) mudança de zona erógena, nada permite compreender a volta do investimento libidinoso para dentro. Um reforço é, portanto, necessário: *a orientação para o pai se efetua principalmente com a ajuda das moções pulsionais passivas*⁹⁴. O que são estas “moções pulsionais passivas”, de qual zona erógena nasce a excitação correspondente? Freud, em 1932, nada diz sobre isto – dizia um pouco mais no artigo de 1931 sobre a sexualidade feminina. Retornaremos a tal ponto mais adiante.

Uma outra formulação da conferência de 1932, deixa mesmo a entender que o papel concedido à passividade pulsional poderia bem não se reduzir ao de uma moção auxiliar. Evocando o complexo de masculinidade (que, na lógica da tese defendida só prolonga a corrente pulsional mais profunda) Freud escreve que “o essencial nesse processo” é *que o aumento de passividade que introduz a volta*

*à feminilidade é evitado*⁹⁵. Eis, portanto, uma passividade pulsional exigente – e não a inércia passiva de uma menina outrora ativa e agora vencida que faz mais que favorecer a volta para o pai, que aí introduz... Salvo se o complexo de masculinidade permite *evitar* um tal destino. É fácil estabelecer a ponte entre estas poucas observações sub-reptícias e a tese explícita de 1919 considerando o “complexo de virilidade” como mecanismo de defesa, protegendo o sujeito das moções pulsionais passivas incestuosas endereçadas ao pai.

O que são para nós estas moções pulsionais passivas mobilizadas quando da volta para o pai, nós evocamos suficientemente a sexualidade cloacal para que seja necessário voltar a tal assunto. O interesse é de seguir a pista em Freud, uma pista que abre uma brecha no falcismo ambiental da tese defendida.

O artigo de 1931 e a “nouvelle conference” de 1932 são dois textos muito próximos. Encontra-se no primeiro a seguinte formulação: “A passagem ao objeto-pai se realiza com a ajuda das tendências passivas na medida em que elas escaparam da catástrofe”⁹⁶. Trata-se da catástrofe do recalamento da sexualidade pré-edipiana, ligando a menina ao objeto-mãe. O ponto de apoio do recalamento é constituído pela ferida narcísica fálica; quanto à catástrofe, ela toca o conjunto da sexualidade, poupando alguns vestígios (notadamente a passividade compulsiva) ou levando tudo, segundo o caso.

A originalidade do texto de 1931 em relação ao de 1932, perdura notadamente num parágrafo precedendo a frase citada há pouco, onde Freud (tomando de empréstimo largamente Ruth Mack

93. *Ibid.*, p. 172.

94. *Ibid.*, p. 171, eu sublinho.

95. *Ibid.*, p. 174, eu sublinho.

96. “Sur la sexualité féminine”, *op. cit.*, p. 151.

Brunswick) dá das noções pulsionais, passivas uma representação que deve certamente muito ao contexto “feminino” do artigo. Trata-se da reação paroxística das meninas (evocadas pelas mulheres em análise) às diversas intrusões intestinais das quais elas são o objeto: lavagens e outras injeções – perdemos as lavagens, mas ficaram o termômetro e os supositórios. Esta viva reação, misturando a angústia e o furor, assemelha-se muito ao “orgasmo obtido por excitação genital”⁹⁷. A comparação lembra uma outra: a que fazia Lou Andreas-Salomé entre estes mesmos processos anais e genitais, próximos pela passividade e pela “impossibilidade de domínio” – notadamente para as meninas, as mulheres.

A mucosa erógena intestinal sempre constituiu, para Freud, o modelo do “órgão para fim sexual passivo”⁹⁸. Em 1931, ele traz esta precisão: “A estimulação intensiva passiva da zona intestinal provoca, em resposta, uma explosão de prazer de agressão que se manifesta diretamente como cólera ou então, pela sua repressão, como angústia”⁹⁹. O que aconteceu com a passividade pulsional solicitada pelo sujeito-menina quando da volta para o pai? Tratar-se-ia de uma reativação da sexualidade anal? A mudança de zona na infância é de fato uma regressão do clitóris para o ânus? Não seria trair, se não Freud, ao menos a lógica do seu raciocínio, caminhar neste sentido. Traço simbólico de um tal movimento, a troca de desejos da menina quando da “volta”: do desejo de dispor do pênis do pai àquele de receber de sua parte o *presente* de uma criança¹⁰⁰. Sabe-se o enraizamento libidinoso de todo “presente” na analidade.

As primeiras palavras de uma outra interpretação

existem, entretanto, no texto freudiano, sem que fosse dado prosseguimento. Sublinhando que são nas “pessoas de sexo feminino” que é rememorado o furor associado às intrusões intestinais, e comparando este furor ao orgasmo, Freud dá um passo, apenas esboçado, em direção de um estágio vagino-anal (cloacal), contemporâneo da sexualidade edipiana.

É interessante notar que Ruth Mack Brunswick, de quem Freud toma emprestada a analogia entre os momentos de apogeu das libido anal e genital, foi finalmente conduzida, a despeito de sua preocupação de ortodoxia, a encarar a existência de sensações vaginais precoces (precisamente neste mesmo artigo de 1940 onde ela evoca a “raiva”-orgasmo anal)¹⁰¹. Ela escreve:

Coloca-se a questão de saber se, como foi indicado até agora (por Freud) a vagina é sempre, pelo menos habitualmente, um órgão “mudo” até a adolescência. Presentemente parece provável que exista uma sensibilidade vaginal precoce de origem anal. Um grau notável de sensibilidade anal [registro da fonte pulsional e da excitabilidade] parece favorecer o desenvolvimento de sensações vaginais precoces, provavelmente porque o ânus, como a vagina, é um órgão receptor [deixamos o nível de excitação por este, conjunto das representações constitutivas do fim pulsional: o ânus-vagina como lugares de recepção. A propósito de “receber”, é preciso notar isto: a continuidade receptora, muitas vezes sublinhada entre boca, ânus e vagina, deve ser modulada: o que o ânus recebe, “a vara de excrementos”, ele recebe do interior do corpo: a isto não é sem dúvida estranha a aptidão do pênis anal a se encarregar de simbolizar as angústias persecutórias arcaicas] e como tal, ele

97. *Ibid.*, p. 150.

98. *Trois essais sur la théorie sexuelle*, *op. cit.*, p. 129. A frase citada faz parte de uma sessão juntada em 1915, contemporânea de “Pulsions et destins de pulsions”.

99. “Sur la sexualité féminine”, *op. cit.*, p. 150.

100. *Abrégé de psychanalyse*, *op. cit.*, p. 66.

101. La phase pré-edipienne du développement de la libido (1940). In *Revue française de Psychanalyse*, 2, 1967.

transfere sua sensibilidade passiva à vagina, mais imediatamente que o clitóris ativo. Inútil dizer [de fato *indispensável* para manter o acordo com Freud] que mesmo quando uma tal sensibilidade vaginal existe, seu papel é, na verdade, menor e secundário em relação ao clitóris como órgão da sexualidade infantil. [Restrição e volta a Freud. Mas R. M. Brunswick acrescenta:] Uma correlação estabelecida entre os períodos de sensibilidade clitoridiana e vaginal, e a idade da menina quando ela abandona a mãe, e se prende ao pai, deveria esclarecer muito a relação que existe entre a natureza do órgão sexual e seu objeto de amor. [É explicitamente toda a concepção da volta ao pai que precisa ser repensada].¹⁰²

A riqueza erógena da zona cloacal, e a confusão que a acompanha, explicam o importante papel, sublinhado por muitos autores, da mãe anal como agente do recalçamento da sexualidade feminina precoce. Sobre tal ponto Freud dá incidentemente uma primeira indicação, observando que as pacientes que o levam a estabelecer a relação entre furor anal e orgasmo genital tinham “uma forte ligação com sua mãe”¹⁰³. A criança associa os medos fantasiados de retaliação vindos da mãe, sua rival edipiana, com os gestos de cuidados (notadamente intrusivos)¹⁰⁴. A primeira genitalidade feminina é assim levada pelo mesmo movimento de recalçamento que aquele que visa a sexualidade anal. A confusão cloacal não é apenas libidinal, ela toca também os mecanismos de defesa. A parte de passividade pulsional que escapa a este recalçamento precoce será posta à contribuição pela menina quando da (segunda) volta para o pai; esta volta

tardia, fechando a infância, é evocada por Freud.

A contribuição das moções pulsionais passivas à escolha do objeto-pai, a concepção da criança presente, são como “alvos” testemunhas no texto freudiano de uma outra teorização da sexualidade feminina, teorização cujo artigo de 1919 “Un enfant est battu”, evocando os “pressentimentos dos fins sexuais definitivos”, apresenta a forma a mais elaborada. Como muitas vezes em Freud, a propósito de uma questão problemática, uma tese persegue menos uma outra do que ela se inscreve em superimpressão, deixando aqui e ali transparecer alguns “arrepentimentos” da antiga versão. Nós evocamos longamente a retomada em 1925 da interpretação da fantasia “Un enfant est battu” seu alinhamento (e seu empobrecimento) sobre o corpo de doutrina concernente à sexualidade feminina. Em 1924, portanto pouco tempo antes, Freud menciona, ainda uma vez, a fantasia em questão. Mas esta vez o contexto teórico-clínico não é mais o desejo do pênis, mas a passividade e o masoquismo. Resultado: é a interpretação de 1919, intacta, que é novamente solicitada: “Nós sabemos que o desejo, tão freqüente nas fantasias de apanhar do pai, é muito próximo deste outro desejo de ter relações sexuais passivas (femininas) com ele, não sendo o primeiro senão uma forma regressiva do segundo.”¹⁰⁵ Ser batido em vez de ser penetrado.¹⁰⁶

A importância do pai nesta primeira versão da sexualidade se acrescenta ao papel essencial dado à sedução: a de um pai que faz tudo para ganhar o amor de sua filhinha, ao mesmo tempo que ele

102. *Op. cit.*, p. 288. Freud, por seus comentários e sugestões, colaborou na elaboração deste artigo. Daí o conclui, como foi feito às vezes, que ele teria admitido no fim da vida a existência de uma erogenidade vaginal precoce, a um passo que não é legítimo transpor.

103. “Sur la sexualité féminine”, *op. cit.*, p. 150.

104. Fora M. Klein, é preciso notadamente nomear os diferentes artigos do volume coletivo: *La sexualité féminine* (sob a direção de J. Chasseguet-Smirgel), Payot, 1964. Cf. mais particularmente: Maria Torok, La signification de “l’envie du pénis” chez la femme.

105. “Le problème économique du masochisme”. In *Névrose, psychose, perversion*, *op. cit.*, p. 296.

106. A significação “ser penetrado” não impede que “ser batido” possa também significar “se masturbar” – condensando a evocação do correspondente castigo. A fantasia existe a numerosos estratos, a análise de “l’Homme aux loups” mostra-o bem. Não se pode de maneira nenhuma tirar a conclusão conciliadora que, de um texto a outro, Freud faria simplesmente acentuar aqui ou ali. A opção de 1925 é exclusiva: ela faz a economia do pai, de seu desejo de penetração-sedução, do “pressentimento” pela criança do fim sexual definitivo, ao mesmo tempo que ela oculta o essencial da fantasia: a fase 2.

deposita nela os germes de uma atitude de ódio para com a mãe¹⁰⁷. Trata-se, aqui, do laço de sedução que faz parte da história edipiana, mas ele não é a marca de tal história individual. O naufrágio da *neurótica*, portanto, não levou tudo. De outra parte vê-se mal, como já foi dito, de que maneira o desejo do pai, as fantasias inconscientes que ele veicula, poderiam não introduzir na criança a presciência da vagina – presciência tão enigmática quanto se pode desejar.

Em 1896, Freud explicava a maior frequência da histeria no sexo feminino pelo fato de que “na infância é ele que mais atrai os ataques sexuais”¹⁰⁸. A observação é mais sociológica que psicológica (mas tem, contudo, o termo “atrai”), a estatística contemporânea dos fatos delituosos confirmaria, se fosse necessário, esta inigualdade no abuso. Será a última palavra da *conjunção entre o feminino e o seduzido*, ou a questão merece ser retomada: não mais à medida da vida de família, mas da vida psíquica, da vida sexual, desta vez?

A teoria da sedução conheceu, nos últimos tempos, desenvolvimentos renovados. Jean Laplanche propõe não somente distinguir “a contingência das manobras sexuais, chamadas perversas, por parte do adulto” – da generalidade da situação de sedução, mas ainda fundar sobre esta última todo o edifício da vida psicosexual¹⁰⁹. Prolongando o que em Freud é feito como “teoria” (o traumatismo como efração, sua temporalidade defasada, a posteriori; e a passividade correlativa da criança) assim como as observações sugestivas de Ferenczi sobre a “confusão das linguagens” (entre um adulto

apaixonado e uma criança *meiga*) J. Laplanche sublinha o caráter *originário* da situação de sedução. Como é preciso entendê-lo? Freud tinha dado um primeiro passo nesta via abandonando o pai infame (mas raro) pela mãe (geralmente, ela) dos primeiros cuidados, a que desperta na criança, pelos seus gestos simples, as primeiras sensações de prazer. Este deslocamento de um personagem familiar a outro ainda é insuficiente: “o desfalecimento parcial, o atraso dos mecanismos adaptativos no ser humano”¹¹⁰ coloca a *criança* frente ao *adulto* numa posição de *passividade* originária. Para definir a generalidade desta última, J. Laplanche recorre aos filósofos, notadamente a Leibniz: “A criatura se diz ‘agir para fora’ enquanto ela tem perfeição e sofrer ‘de uma outra’ enquanto ela é imperfeita.”¹¹¹ Um indivíduo, o recém-nascido, cujas “montagens somato-psíquicas se situam de maneira predominante ao nível da necessidade”¹¹², é confrontado com “mensagens” (significantes verbais e não verbais: gestos, mímicas, comportamentos...) que emanam do adulto, ultrapassando largamente suas capacidades de domínio, de metabolização, penetrando-o por efração. Se estas mensagens são num mesmo movimento enigmáticas, traumáticas, sedutoras – não é tanto pelo simples fato de que a criança não possui este código, e que ela teria de adquiri-lo, mas porque o mundo do adulto está infiltrado de significantes inconscientes e sexuais, dos quais ele não possui o código. “Os gestos auto-conservativos do adulto são portadores de mensagens sexuais inconscientes para ele e incontrolláveis para a criança” (o que quer de mim este seio que me alimenta, mas também me excita ao se excitar? O que quer ele de mim que ele

107. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 236. Cf. *supra*, p.28.

108. “Nouvelles remarques sur les psychonévroses de défense”, *op. cit.*, p. 62.

109. Eu me referirei principalmente a três textos onde J. Laplanche apresenta sua concepção da teoria da sedução: “A pulsão e seu objeto-fonte: seu destino na transferência” (1984). In *La pulsion pour quoi faire?*, *op. cit.*; “De la théorie de la séduction restreinte à la théorie de la séduction généralisée”, *Etudes freudiennes*, 1986, n. 27; *Nouveaux fondements pour la psychanalyse* (1987), *P.U.F.*, 2ª edição, 1990. Do conjunto desta teoria eu só retenho aqui um fio de argumentação em relação direta com o sujeito deste artigo.

110. “La pulsion et son objet-source”, *op. cit.*, p. 18.

111. *Monadologie*, 49, 50; citado por J. Laplanche, in “De la théorie de la séduction restreinte...”, *op. cit.*, p. 19.

112. *Nouveaux fondements*, *op. cit.*, p. 128.

mesmo não sabe?). Eles deixam sobre os locais ditos erógenos, traços, objetos-fontes da vida pulsional, e produzem um movimento de clivagem e deriva que desemboca eventualmente na atividade auto-erótica¹¹³. “Eis todo o essencial da sexualidade adulta, incontrolável pela própria pessoa que a introduz, que faz irrupção no mundo da criança, sobre fundo de atividade auto-conservativa. O tempo zero da vida psicosssexual se situa no outro (o adulto). A vida sexual não começa por: “Eu introjeto” nem mesmo por “eu me alimento e aproveito para chupar” mas por: ele implanta, ele *intromete*. O inconsciente é o metabólico do outro em nós¹¹⁴.”

Do “ele intromete” ao “eu apanho” (*sou penetrada*) no “Popo” pelo bastão (*pênis*) do pai, o caminho é longo, calçado por etapas substitutivas (as ligações de Eros), por um trabalho de simbolização, de elaboração, misturando a apropriação identificatória e os mecanismos defensivos: o caminho é longo mas está indicado (senão todo indicado). Nossa hipótese, e nossa conclusão, é que a *feminilidade precoce apresenta alguma afinidade privilegiada com a posição originária de sedução* da criança em relação ao adulto, com a posição do homem (genérico) face ao caráter traumático, intrusivo, da sexualidade, com a “atitude” desarmada do eu diante do ataque pulsional interno.

Este “privilegio” é uma faca de dois gumes. De um lado a feminilidade constitui uma metabolização primitiva, um primeiro distanciamento/representação da passividade da criança diante da efração (penetração) originária. Seu parentesco com o masoquismo (ele também *originário*) o mesmo que liga “eroticamente as tendências destrutivas voltadas para dentro”¹¹⁵, o torna apto a conter as angústias persecutórias herdadas da situação de sedução. De acordo com Hélène Deutsch (“a ausência de atividade vaginal espontânea constitui o fundamento fisiológico da passividade feminina”¹¹⁶), não se vê bem o que distingue passividade e frigidez. O que nós entendemos por passividade pulsional é completamente diferente: *gozar aquilo que (lhe) acontece, gozar o incontrolável*. Rendemos homenagem à clarividência dos antigos Romanos, para quem a passividade no amor era a própria *impudícia*.

O reverso do “privilegio”: é que esta mesma cumplicidade da feminilidade precoce com a posição “seduzida” (e seu excesso) a destina ao recalçamento – um recalçamento profundo, cujo caráter não rememorável da fase 2 da fantasia “un enfant est battu” é um indício¹¹⁷.

Claro é que a situação originária de sedução concerne à criança, indiferentemente de seu sexo.

113. “La pulsion et son objet-source”, *op. cit.*, p. 20.

114. Conferência na Associação Psicanalítica da França, 9 de junho de 1990.

115. “La féminité”, *op. cit.*, p. 155.

116. *La psychologie des femmes*, *op. cit.*, p. 201.

117. Na obra “L’analyse avec fin et l’analyse sans fin”, por ocasião de uma nota de pé de página já mencionada, Freud se aplica a disjuntar a recusa da feminilidade da recusa da passividade: é “fácil confirmar que tais homens gabam-se frequentemente perante a mulher de um comportamento masoquista, e nitidamente de uma submissão. O homem só se defende contra a passividade na relação com o homem, não contra a passividade em geral”. (*Résultats, idées, problèmes*, t. II, *op. cit.*, p. 268, n. 1). A argumentação é diretamente ligada à preocupação de se afastar da “proteção viril” de Adler, e de impor a referência à angústia de castração: o recalçado não é a posição passiva mas a hipoteca da castração que ela pressupõe.

Mas quando se trata de isolar um recalçado por excelência, é inútil. A castração, ela mesma pode ser desejada – e sobre tal questão gostaríamos de ouvir um pouco mais esses homens masoquistas “completamente subordinados” a uma mulher. Que seja possível gozar a passividade não faz desta uma disposição secundária. Que ela permaneça fora de alcance por causa da profundidade do recalçamento, ou, ao contrário, que o sujeito possa reatar com ela no decurso de sua vida (notadamente analítica), ou ainda que ela ordene de maneira tirânica e perversa toda a vida sexual do indivíduo, existe para a passividade pulsional muitos destinos possíveis. Não há dado arcaico da vida psíquica que não possa ser o objeto de um trabalho de metabolização, até transformar o terror em impaciência.

Sublinhar o laço de filiação da criança seduzida à posição feminina, volta, em relação a Freud, a deslocar o ponto de "equilíbrio" da vida psicosexual para um ginocentrismo arcaico¹¹⁸ que, ao menos por uma parte, concerne tanto ao menino oral/anal quanto à menina. O que faz a separação (não digamos diferença) de um a outro, não é o simples fato da genitalidade precoce da menina e seu parentesco receptor/passivo com a boca e o ânus; são, como vimos, as características desta primeira sexualidade: confusão (cloacal) da excitação e das representações, invisibilidade, "interioridade" de uma zona erógena deixada sem denominação (sal-

vo na confusão de "tutus"); quanto à "zézete" e suas semelhantes, são sempre "zizis" no feminino), tudo contribuindo à dimensão incontrolável que submerge destes processos precoces.

Se a sexualidade feminina primitiva é uma metáfora eletiva da posição da criança em relação à *intromissão* adulta, a recusa da feminilidade na paciente em análise pode ser uma metáfora tardia. Faltaria interrogar aquilo que do quadro analítico "intromete" uma tal feminização. ■

Tradução de **Dulce de Brito Orsini***

Revisão Técnica de **Beatriz Helena Peres Stucchi****

* Tradutora - formada em letras Neo-Latinas pela antiga faculdade Sedes Sapientiae da Universidade Católica.

** Psicóloga clínica - PUC-SP.

118. Parece ser o que se passa desde que se leve verdadeiramente em conta a existência de uma sexualidade feminina precoce. O exemplo de M. Klein é esclarecedor: ela manterá sempre, custe o que custar, a idéia de um paralelismo edipiano entre a menina e o menino, mesmo quando sua argumentação impõe a idéia de um Édipo feminino precoce comum aos dois sexos. Quanto a H. Segal, ela levará a lógica kleiniana até seu fim (cf. *Introduction à l'oeuvre de Melanie Klein* (1964), P.U.F., 1969, pp. 117-118).